



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

A volta dos idosos analfabetos aos bancos escolares

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em
Gerontologia Social Aplicada

Iva Michiles

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

Junho 2022



CATOLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

A volta dos idosos analfabetos aos bancos escolares

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em
Gerontologia Social Aplicada

Iva Michiles

Sob a Orientação do
Prof. Doutor António Manuel Godinho da
Fonseca

*Dedico esta dissertação de Mestrado
aos meus filhos Leonardo e Luiz Cesar,
razão de todas as minhas lutas, alegrias,
incentivo e amor.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus, pela minha existência.

Ao professor Dr. António Manoel Godinho da Fonseca, meu sábio orientador, por todos os ensinamentos e paciência, a minha gratidão.

Ao professor Dr. Eduardo Duque, pelas maravilhosas aulas, pelo aprendizado e por tudo o que nos proporcionou.

Às professoras Doutoradas Iolanda Bezerra e Enia Batista, por toda ajuda, incentivo e disponibilidade.

À Paloma e Isabela, noras amadas, pela torcida e motivação, meu fraterno abraço de gratidão.

À minha família Michiles, por todo suporte, incentivo e apoio incondicional.

À Marta, Rosana, Mirna, Tânia, amigas tão queridas e especiais que sempre estiveram ao meu lado, me ajudaram e incentivaram em momentos diferentes, vocês sempre foram muito importantes, compreensivas e motivadoras para o meu crescimento.

A todos os professores que tive a honra de conhecer, no Brasil e em Portugal, toda a minha gratidão.

Aos colegas de curso, agradeço por concederem-me a honra de dividir esse período de aprendizagem com vocês.

À Associação dos Idosos do Varjão-DF, Sra. Eunice Nascimento dos Santos (presidente), por me receber e permitir fazer este estudo.

A todos os idosos que se disponibilizaram a sair de suas casas, deixando outras atividades para compartilharem comigo as suas histórias de vida e para que esta pesquisa de Mestrado fosse possível.

RESUMO

Este estudo apresenta uma pesquisa com enfoque na experiência compartilhada na execução de um projeto de alfabetização de pessoas idosas, realizado na cidade de Varjão, Brasília, DF. Tem como propósito contribuir para a minimização de problemas que surgem nas relações de trabalho e nas práticas sociais advindas do analfabetismo que assola a sociedade brasileira. Nesse contexto existe grande preocupação com o resultado de estatísticas que mostram o Brasil como um país com grande número de pessoas analfabetas com idade de 60 anos e mais, que ainda possuem vontade de exercer alguma atividade produtiva. Ciente de que a pessoa idosa afetada pelo analfabetismo é um grave problema social, o estudo norteia-se pelo objetivo de apresentar reflexão sobre a importância de programas de educação para pessoas idosas como um meio de motivação para novas perspectivas de vida. Quanto à metodologia da pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa, com recolha de dados verbais de forma direta, por meio de grupos focais, de conversas e depoimentos pessoais com os participantes idosos. O referencial teórico sustenta-se em outras pesquisas, as quais se encontram em bancos de dados eletrônicos como SCIELO, além de livros, artigos científicos sobre o tema. A pesquisa permitiu vislumbrar um interstício substancial de novas possibilidades, atitudes e práticas por parte dos idosos, estudantes, em busca de vida de qualidade, socialmente comprometida. Além disso, constatou-se que a Educação de Jovens e Adultos Idosos (EJAI) se constitui como uma modalidade de ensino capaz de alargar-se em vantagens sobre a educação regular uma vez que responde às exigências da sociedade atual, às necessidades das pessoas de mais idade que não tiveram a oportunidade de estudar quando eram mais jovens. Desse modo, conclui-se que o ensino desenvolvido por meio do Projeto social da cidade de Varjão-DF consiste em uma tendência contemporânea que se destaca como alternativa determinante para democratização do ensino no Brasil e no mundo.

Palavras-Chave: Alfabetização – Idosos – Educação.

ABSTRACT

This study presents research focused on the shared experience in the execution of a literacy project for the elderly, carried out in the city of Varjão, Brasília, DF. Its purpose is to contribute to the minimization of problems that arise in work relationships and in social practices arising from the illiteracy that plagues Brazilian society. In this context, there is great concern about the results of statistics that show Brazil as a country with many illiterate people aged 60 and over who still have the will to carry out some productive activity. Aware that the elderly person affected by illiteracy is a serious social problem, the study is guided by the objective of presenting a reflection on the importance of education programs for elderly people as a means of motivation for new perspectives in life. As for the research methodology, the qualitative approach was chosen, with direct collection of verbal data, through focus groups, conversations, and personal testimonies with the elderly participants. The theoretical framework is supported by other research, which are found in electronic databases such as SCIELO, in addition to books and scientific articles on the subject. The research allowed us to glimpse a substantial interstice of new possibilities, attitudes and practices on the part of the elderly, students, in search of a quality life, socially committed. In addition, it was found that the Education of Young and adults people elderly is constituted as a teaching modality capable of extending itself in advantages over regular education since it responds to the demands of today's society, to the needs of people from older people who did not have the opportunity to study when they were younger. In this way, it is concluded that the teaching developed through the Social Project of the city of Varjão-DF consists in a contemporary trend that stands out as a decisive alternative for the democratization of education in Brazil and in the world.

Keywords: Literacy – Elderly – Education.

LISTA DE SIGLAS

AIV-DF - Associação dos Idosos do Varjão – Distrito Federal
CNEA - Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo
CNEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EJAI - Ensino de Jovens, Adultos e Idosos
GDF - Governo do Distrito Federal
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAF - Indicador de Analfabetismo Funcional
MEC - Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
OMS - Organização Mundial da Saúde
PAI - Projeto de Alfabetização de Idosos
PAS - Programa de Alfabetização Solidária
PBA - Programa Brasil Alfabetizado
PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
PDCET - Plano Decenal de Educação para Todos
PDFA - Programa Distrito Federal de Alfabetização
PNA - Política Nacional de Alfabetização
PNAC - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PNE - Plano Nacional de Educação
PSACV-Programa Social de Alfabetização da Cidade de Varjão
SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ENQUADRAMENTO SOCIAL	14
1.1 Idosos e educação	16
1.2 Educação voltada para idosos.....	18
1.3 Pedagogia e gerontologia	20
2. CONTEXTO SOCIAL	27
2.1 Analfabetismo no Brasil	31
2.2 Projeto de Alfabetização de Idosos no Varjão – DF.....	38
3. ABORDAGEM METODOLOGICA	43
3.1 Sobre o método - “Grupos Focais”	44
3.2 Realização dos Grupos Focais	47
4. RESULTADOS	52
5. DISCUSSÃO	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

EPÍGRAFE

São muitos os que veem no acto de envelhecer o fim do desenvolvimento, mas também (já) são bastantes os que veem nesta conclusão linear um autêntico absurdo, argumentando justamente que o envelhecimento não é o fim, mas antes um desafio para o desenvolvimento. Assim sendo - ou assim também podendo ser -, deixará de fazer sentido encarar a velhice como uma sombra, uma maldição, uma ameaça que temos de carregar ao longo da vida? E o que significa exactamente envelhecer?

Lançar um olhar multidisciplinar sobre o processo de envelhecimento é seguramente a abordagem conceptual necessária e mais vantajosa para, desde logo, percebermos que a questão do envelhecimento é mais intrincada do que a dualidade negação/fatalidade

(Prof. Dr. António M. Godinho da Fonseca-2004)

A educação é um fator fundamental na formação crítica do idoso, é função determinante para que ele tenha qualidade de vida e condições de se manter ativo e consciente da sua própria velhice.

(Mott 2016)

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, intitulada *A Volta Dos Idosos Analfabetos aos Bancos Escolares*, tem como objetivo principal apresentara experiência de alfabetização de adultos denominada Projeto Social de Alfabetização da Cidade de Varjão-DF, voltada para a educação de pessoas idosas. Constitui-se como mais um aporte na área de Ensino de Jovens e Adultos Idosos (EJAI), com maior enfoque no que se refere à melhoria da qualidade de vida e à prática da cidadania assegurada para pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade regular.

Apresenta-se, desse modo, um estudo pautado no pragmatismo da pesquisa social, cujo embasamento oferece fundamentos produtivos para questões ontológicas inerentes às demandas sociais que tenham relevância em termos de ação, conforme defende Denzin & Lincoln (2008). Os autores lembram que o pragmatismo busca estabelecer um elo entre a teoria e a práxis, e o processo de reflexão central está vinculado aos resultados de ação que envolvem a manipulação de fatores materiais e sociais em um determinado contexto. Daí, viu-se a importância de se discutir questões sociais que incluem idosos como participantes ativos na sociedade. Constitui-se, desse modo, em uma contribuição sólida para a modalidade de ensino de alfabetização de idosos no que se refere aos procedimentos pedagógicos como prática real em um projeto em andamento na Associação dos Idosos do Varjão- DF.

O interesse pela pesquisa neste âmbito surgiu diante de motivação particular de participar de uma ação social e de contribuir para a minimização de problemas que surgem nas relações de trabalho e nas práticas sociais advindas do analfabetismo de pessoas com idade considerada idosa.

Diante desse problema social, o estudo norteou-se pela necessidade de maior reflexão sobre a relação entre idade e a educação nos programas sociais de educação para pessoas idosas (EJAI). Para isso, tomou como alicerce os relatos dos próprios

alfabetizando como sujeitos participantes da pesquisa, através do recurso a grupos focais.

De tal modo, foi possível identificar que o projeto de alfabetização de idosos do Varjão é realizado a partir do que existe, valorizando o que é realmente significativo para os alfabetizando. O conteúdo educativo que é apresentado emerge do meio social e cultural de onde são e vivem os estudantes, dispensando, muitas vezes, o programa previamente estruturado. Portanto, pode-se dizer que é um projeto de ensino baseado na pedagogia da realidade dos alfabetizando.

A escolha do espaço para a pesquisa ocorreu devido à facilidade de acesso e em razão de outros trabalhos já realizados como voluntária, junto à comunidade.

Buscou-se, nessa perspectiva, responder às seguintes questões de pesquisa:

1. Em que consiste o projeto social da cidade de Varjão-DF?
2. A participação de uma pessoa idosa na sociedade é determinada pelo letramento escolar?
3. Como uma pessoa idosa demonstra autoestima pelo fato de ir à escola para começar ou recomeçar a estudar na esperança de obter o futuro mais promissor e próspero que sempre almejou?

Os dados foram importantes, pois contribuíram para a compreensão dos sonhos e das vontades dos estudantes que, mesmo idosos, carregam com vigor em suas vidas. Quanto a parte pedagógica, por meio do conhecimento dos sonhos dos idosos, os professores demonstraram maior habilidade para produzirem novos materiais imbuídos de reflexão voltada às necessidades e às expectativas de seus alunos.

Quanto à metodologia de pesquisa, o estudo realizou-se sob o viés que contempla a abordagem qualitativa, especificamente em forma de realização de grupos focais para coleta de dados, devido ao seu aspecto interativo e possibilidade de *insights* que seriam menos acessíveis sem essa possível interação, de acordo com Flick (2009).

Com o estudo compreendeu-se que uma pessoa idosa demonstra melhor autoestima pelo fato de ir à escola e interagir com outros idosos na mesma situação. A possibilidade de exercer a cidadania de alguma forma, como começar ou recomeçar a estudar, faz emergir a esperança de se obter um futuro mais promissor e próspero, tal como sempre se sonhou.

Portanto, após a análise dos dados, pode-se concluir que o projeto social da cidade de Varjão-DF consiste em valorizar o idoso oferecendo condições para que ele conheça uma forma de vida mais participativa na sociedade. Após a alfabetização, os idosos alfabetizados são capazes de resolver problemas de aposentadoria, pagamentos de contas, usar transporte público, viajar, entre outros, demonstrando mais autoestima e vislumbrando novas oportunidades para as suas vidas.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No atual momento histórico e cultural as transformações provocadas pela revolução tecnológica provocam a necessidade de maior aprendizagem nas pessoas. Para acompanhar essa evolução, é preciso um olhar atento para compreender o quanto as mudanças ocorrem com rapidez, sob todos os aspectos da vida, seja o da educação, do trabalho, do entretenimento, do uso de novos aparelhos de telefone e da participação em redes sociais, dentre outros, os quais demandam atualização permanente de conhecimentos para que haja sempre alternativas para exercício de suas funções na sociedade.

No Brasil existem muitos estudos e projetos voltados para a inclusão social dos idosos, de modo a que essa camada social seja incluída no processo acelerado do desenvolvimento, pois são grupos sociais que carregam estigmas de preservar práticas nada modernas. Além disso, grande parte dos idosos no Brasil vivem em situação de invisibilidade, principalmente, aqueles que vivem em lugares longínquos, ou em periferias de grandes cidades, ou que vieram de uma camada social que não oferecia condições de frequentar escolas e acabaram não conseguindo sequer serem alfabetizados.

Esse é o enquadramento social que suscitou o enfoque desta pesquisa acadêmica. No entanto, muitos pesquisadores já abraçaram essa causa e para compactuar as ideias de Kachar (2003), destaca-se que os idosos “ficam felizes com as suas descobertas e mais ainda com a possibilidade de descobrir e de aprender algo novo. Sentem prazer de explorar o mundo e ser presenteado com as novidades”. Isso porque, segundo a autora, há um ganho qualitativo no modo de vida dessas pessoas quando encontram acolhimento em uma escola para melhorar seus conhecimentos.

Silva e Gunther (2000), ao trabalharem as novas representações sociais e culturais do idoso, alertam sobre o fato de que vendo seus filhos crescidos, alguns vivendo sozinhos, e admitindo uma relativa ausência de obrigações familiares e certa disponibilidade de tempo, pode ser um estímulo à inovação. Essa condição leva à procura de algo novo pela pessoa idosa que acredita em um novo enquadramento social, em

virtude da apropriação de conhecimentos e das possibilidades de participarem de atividades oferecidas pelo Estado, disponíveis nas comunidades.

Loreto (2012), ao fazer seu estudo sobre inclusão digital na terceira idade, corrobora que idosos que têm oportunidade de fazer algum curso passam a participar mais da vida social, em virtude da apropriação de conhecimentos até mesmo os referentes às tecnologias móveis que hoje permeiam a sociedade.

Pessoas idosas também sabem da importância de terem contato com algum curso que transforme sua vida, não somente em termos de um espaço de socialização, mas, substancialmente, em função da significância daquilo que lhes permite construir e transplantar para as suas vidas maior independência. Acreditam que a alfabetização pode conduzi-las a um novo mundo, pode reforçar seus laços com familiares, bem como desenvolver novos conhecimentos e possibilitar sintonia com as práticas sociais atuais e, sobretudo, reviver a sintonia com suas raízes e história de vida.

A aptidão para usar até mesmo um celular potencializa a interatividade, a disseminação e o acesso às informações. Ou, como ensinam Lopes e Alves (2006), potencializa a participação das experiências humanas e o exercício da cidadania. Sendo assim, quando a aprendizagem acontece de maneira própria, como apresenta Kachar (2003), ajuda a aproximar as pessoas e a ressignificar as noções de tempo e espaço.

Na atual conjuntura, as pessoas idosas ainda necessitam ser valorizadas, pois carregam grande potencial e experiências que podem ser compartilhadas. Sabem que não somente em termos de um espaço de socialização, mas, substancialmente, em função da significância de conteúdos e de informações que as escolas lhes permitem construir e transplantar para as suas vidas.

É nesse enquadramento social que se torna necessário um conhecimento especializado sobre o processo de envelhecimento com metodologias de ensino que viabilizem estratégias para a inserção do idoso na contemporaneidade, em especial à alfabetização daquelas pessoas idosas que ainda se encontram invisíveis, sem deixar de

lado o espírito ético do desenvolvimento do ser humano, sem perder de vista a humanização e a riqueza das relações sociais.

1.1 Idosos e educação

Com o idoso brasileiro existe um grave problema que é a questão do analfabetismo. É um fato que acompanha a história da colonização e perdura até os dias atuais, o que aumenta drasticamente o número de pessoas que vivem de forma invisível no país. Isso porque sem a devida participação em programas sociais do Estado, as pessoas ficam isoladas à margem da sociedade sem qualquer expectativa de vida.

Por causa da ininterrupção do problema, esse grupo social sofre por não ter acesso aos direitos previdenciários e sociais e, nessa condição, se sentem excluídos da sociedade. Preocupados com essa população, o IBGE divulgou, em junho de 2019, um estudo revelando que 18,6% dos idosos no Brasil são analfabetos. O estudo aponta que quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Isso quer dizer que os idosos são os mais afetados, pois as novas gerações têm um maior acesso à educação e são alfabetizadas enquanto crianças, segundo os dados divulgados¹¹.

No Distrito Federal, o Plano Estratégico de 2019 - 2060, norteador das ações do GDF, prevê novas políticas públicas para idosos, pois considera que o desafio é o que move pessoas, instituições e governos. Mas há um desafio especialmente instigante para o Governo do Distrito Federal até 2060, quando a capital completa 100 anos: o envelhecimento da população.

Atualmente, 44% de quem vive no DF tem entre 30 e 59 anos. E apenas 10,5% da população tem mais de 60 anos. Em 40 anos, no entanto, as duas faixas etárias vão se aproximar – o que vai exigir a formulação de novas políticas públicas em diferentes áreas, como saúde, transporte, mobilidade urbana e social. A previsão é que, em 2060, o

¹¹Idosos têm a maior proporção de analfabetos, diz IBGE - Disponível em: <https://comunicasimples.com.br/2019/07/11/-segundo-ibge-escolaridade-aumenta-entre-brasileiros-e-idosos-sao-o-grupo-com-a-maior-proporcao-de-analfabetos/> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

percentual de idosos vai chegar a quase 33% da população, de acordo com projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O percentual de maiores de 60 anos vai mesmo ultrapassar o de crianças e jovens entre 0 e 19 anos (17,4%, em 2060), que hoje representam 30% da população. Isso vai exigir uma mudança estrutural e profunda no padrão de demanda por serviços.

O envelhecimento da população tem sido pauta de grande preocupação para a atuação eficiente do Estado, por isso, as políticas públicas tratam com atenção de iniciativas relacionadas à pessoa idosa (saúde, desenvolvimento social e territorial) e várias ações estão previstas para serem implementadas até 2060.

Conforme o Plano Estratégico em andamento, atualmente o Distrito Federal tem 303.017 pessoas com 60 anos ou mais, segundo análise da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) sobre a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2018. Os dados mostram que 57,9% da população idosa é do sexo feminino – mas esse percentual aumenta com o avanço da idade, já que a expectativa de vida feminina é sete anos maior que a masculina. Entre a população acima de 80 anos, por exemplo, apenas 37,2% são de homens, enquanto as mulheres representam 62,8%.¹²

Embora a questão da valorização do idoso seja preocupação das políticas públicas do DF, vale destacar que nem todos os idosos que constam nesta estatística fazem parte de projetos sociais de alfabetização, que é o foco deste estudo.

1.2 Educação voltada para idosos

A proporção de pessoas idosas no Brasil, bem como ocorre em todo o mundo, está crescendo a uma taxa nunca antes conhecida. Por causa das novas formas de viver,

¹² Plano Estratégico 2019-2060 do DF. Disponível em: <https://www.economia.df.gov.br/2019-2060-plano-estrategico-preve-novas-politicas-publicas-para-idosos/> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

adotadas atualmente, com mais cuidados com a saúde, a expectativa de vida está aumentando, o que possibilita cada vez mais o convívio das famílias com idosos cheios de vida. Esse é um dado visualizado no dia a dia, que acaba aliando-se à estatística de baixa taxa de mortalidade e que culmina em um envelhecimento surpreendente da população.

O envelhecimento da sociedade é, sem dúvida, um avanço importante para a população. No entanto, essa condição implica um enorme desafio que exige maiores demandas políticas econômicas e de pesquisa, pois o mais importante e o verdadeiro desafio de aumentar a esperança de vida está vinculado à qualidade de vida, ou seja, o estímulo é para que os idosos possam tentar manter o dinamismo e a independência pessoal o maior tempo possível (Fernández Lópiz, 2020).

É necessário que o idoso encontre uma maneira de viver da melhor maneira e poder aproveitar todo o tempo que estiver à sua disposição. Na verdade, a maioria das pessoas busca se adaptar às mudanças que o envelhecimento acarreta e procura manter a sua autonomia até à velhice. Fernández Lópiz (2020) afirma que 80% das pessoas com 70 anos de idade mantêm aptidão física e mental aceitável para levar suas vidas diárias normalmente.

Apesar dessa realidade, a sociedade em geral continua a associar os idosos à doença, à dependência ou à falta de produtividade, ignorando as evidências de que são indivíduos respeitáveis, que podem ser saudáveis, apresentando experiência e sabedoria. Os preconceitos negativos socialmente enraizados sobre a velhice continuam a ser mantidos e impedem o progresso provável e saudável a todos os níveis com esta faixa etária que pode ser vista como um processo de envelhecimento ativo.

Conforme argumenta Lópiz (2020), a Organização Mundial da Saúde define "envelhecimento ativo" como o processo pelo qual as oportunidades de bem-estar físico, social e mental são otimizadas ao longo da vida, com o objetivo de aumentar a expectativa de vida saudável, a produtividade e a qualidade de vida na velhice. Essa definição não só considera o envelhecimento na perspectiva do cuidado à saúde, mas também incorpora

outros fatores proativos que apresentam um efeito muito positivo no processo de envelhecimento, como por exemplo, a ocupação do lazer, a educação e a gestão de diversos recursos criativos.

Para conceber essa perspectiva de cuidados com o idoso, o Estado deve priorizar uma cultura que promova o envelhecimento ativo e saudável, permitindo aos idosos a acessibilidade às áreas da saúde, economia, trabalho, educação, habitação, transportes, etc. (Fernández Lópiz, 2004).

É evidente que projetos tais como o de Varjão-DF são bem vistos, tanto para os estudos que envolvem a educação para adultos idosos como para aqueles pesquisadores que acreditam em uma política social de maior aceitação e de acolhimento dessa população, a qual pode ser muito útil ainda como cidadã e até mesmo como força de trabalho.

No entanto, ainda há necessidade de mais políticas sociais que manifestem interesses mais humanizados com especial sensibilidade junto dos idosos que, de alguma forma, se sentem incapazes de exercerem plenamente sua cidadania. Isso ocorre quando enfrentam alguma dificuldade para resolver algum problema que exige certo letramento não adquirido, podendo até mesmo se entregar ao sofrimento e à solidão, pois sentem-se distantes da possibilidade de usufruírem de uma boa qualidade de vida e até do direito de se sentirem incluídos e de participarem nos diversos campos da sociedade. Além disso, para esses idosos, falar em envelhecimento ativo é quase redundante, pois não pode haver uma velhice saudável e autônoma se não for presidida pela atividade, que leva a uma melhoria abrangente e uma experiência benéfica de realização e produtividade.

Diante dessas situações, destaca-se que em relação à questão da educação relacionada à aprendizagem, os idosos demonstram uma atitude muito positiva em relação ao conhecimento, à indagação e ao gosto pelos problemas que são do seu interesse. Essa característica implica motivação e impulso para a atividade intelectual.

Nessa perspectiva, as pessoas mais velhas estão mais dispostas a encontrar acordos onde os outros só reconhecem diferenças. E, ao contrário, é mais viável nos mais

antigos detectar discrepâncias onde outros observadores encontram uma explicação satisfatória de tipo convencional que está relacionada à *expertise* e à experiência em alguma área do conhecimento. Existe também uma competência entre os idosos para detectar características relevantes e muitas vezes sutis na abordagem das questões do dia a dia, independente do nível de escolaridade que possuem.

Ainda há mais, pois, segundo Fernández Lópiz (2020), as pessoas mais velhas costumam ser mais abertas ao sugerir perguntas novas e perspicazes ou ao descobrir novas questões a partir de problemas mal definidos ou mal estruturados, sendo mais abertas a novas possibilidades. Em suma, há uma preferência por investigar, por descobrir, o que implica uma atitude a favor do conhecimento e da produtividade criativa.

1.3 Pedagogia e gerontologia

Este tópico parte de uma premissa que entende que o envelhecimento ativo implica uma relação continuada entre o trabalho educacional e o curso de vida, constituindo ou assegurando uma relação indentitária com os contextos comunitários nos quais estão inseridos e onde, de forma contínua, desenvolvem os saberes.

Nessa perspectiva, o envelhecimento ativo, tal como coloca Rosana Barros, é:

Aplicável a todos os indivíduos e populações (...) o envelhecimento pode e deve ser uma experiência positiva, potenciadora do bem-estar físico, psicológico e social ao longo da vida, com a participação do indivíduo na sociedade, de acordo com as suas necessidades, desejos e capacidades (Correia, 2014, apud Barros, 2020, p.205).

Em conformidade com Barros (2020), a educação escolar aplicada a essa população favorece a busca de saberes diversos, ou seja, estimula o interesse de conhecer

um pouco mais, de se atualizar, de descobrir e se descobrir. Por isso, a escola constitui-se em um espaço muito atrativo e está cada vez mais procurada entre os idosos. Sendo assim, é essencial compreender que a escola, com projetos de ensino direcionados à pessoa idosa, tornou-se uma necessidade real para cumprir a função democrática de abertura social e de criação de novos horizontes.

Quanto à «pedagogia gerontológica» ou «pedagogia-andragogia», conforme Barros (2020), ela tem por finalidade a autonomização pessoal, a participação social e o empoderamento das pessoas mais velhas. Visa criar ambientes favoráveis ao desenvolvimento das tendências naturais dos seres humanos em processo de envelhecimento. Baseia-se numa concepção humanista, construtivista e experiencial da aprendizagem e recorre a estratégias que promovem a interação horizontal e o diálogo reflexivo e crítico, no respeito pela diversidade individual e cultural de todos os participantes nos grupos de aprendizagem.

No modelo andragógico de aprendizagem dos adultos e adultos-idosos, teorizado por Knowles, destaca-se a presença de três ideias fundamentais:

- I. A habilidade para aprender permanece intacta ao longo da vida;
- II. O processo de aprendizagem é um processo interno controlado pelos indivíduos e que implica todas as dimensões da pessoa;
- III. Existem certos pressupostos que ao serem considerados na aprendizagem podem conduzir mais facilmente ao crescimento e ao desenvolvimento de quem aprende (Knowles, 1960, 1970, apud Barros, 2020, p.216).

Com efeito, para Barros (2020), a *dimensão sociológica da experiência* é praticamente invisível nas práticas discursivas hegemônicas que, opondo implicitamente um conhecimento experiencial, ou prático, a um conhecimento teórico, ou abstrato, insistem numa dicotomização, que para além de falsa é improdutiva e impede, em última

instância, os adultos-idosos de empreender uma leitura sociologicamente crítica e emancipadora do mundo.

Melamed (1989) refere que a vida das pessoas adultas idosas admite ser constituída por milhares de experiências, umas de caráter trivial e outras mais significativas. Sendo assim, salienta que, para existir aprendizagem a partir dessas experiências, é necessário que se proceda primeiro a uma seleção dessas experiências, seguida de uma reflexão e de uma atuação ativa que implica, por um lado, mudanças de consciência sobre os referenciais do mundo social, e, por outro lado, a própria transformação de comportamentos e atitudes. Nesse sentido, Melamed (1989) traz com uma das mais consensuais definições de aprendizagem experiencial:

A aprendizagem que ocorre quando existem alterações nos juízos, sentimentos, conhecimentos ou aptidões para uma pessoa em particular, ocorridas por meio de vivências. (Melamed, 1989, p. 193).

Na tentativa de alinhar essas vertentes de pensamento, acredita-se que a aprendizagem nos adultos-idosos ocorre quando se procede à seleção da informação relevante, proveniente da experiência e à interpretação crítica dessa aprendizagem que carrega como bagagem de conhecimento prévio. Após identificar a necessidade de mudanças de consciência sobre o mundo social, a pessoa adulta-idosa deve ser capaz de escolher a sua necessidade bem como definir a própria transformação de saberes para as suas novas práticas sociais.

É, pois, pertinente, salientar que o contributo específico de Knowles está relacionado com a sua proposta de desenho do processo andragógico, que ficaria conhecida como *o ciclo andragógico de Knowles*. Neste modelo existem sete fases sequenciais e progressivas que são:

1. a criação de um clima que favoreça a aprendizagem;
2. o estabelecimento de uma estrutura organizativa que permita a participação do adulto e do adulto-idoso no planeamento;

3. o diagnóstico das necessidades de aprendizagem;
4. a formulação dos objetivos das aprendizagens;
5. a concepção de um desenho ou roteiro de atividades;
6. a operacionalidade efetiva das atividades;
7. e a reavaliação do diagnóstico de necessidades de aprendizagem, que poderá reconduzir o adulto e o adulto-idoso a um novo ciclo (Knowles, 1980, p. 59).

O modelo andragógico e o modelo pedagógico não seriam, como proclamou Knowles, duas distintas artes ou Ciências para ajudar os adultos e idosos a aprender ou para ‘ensinar crianças’, mas duas perspectivas distintas de abordar a educação de adultos e adultos-idosos, e de crianças, principalmente porque o pensamento de Knowles foi também inspirado nos princípios da Escola Nova e nas duas perspectivas sobre educação a que Dewey se refere: a tradicional e a progressista (Barros, 2011).

Para alguns críticos, um dos problemas centrais do pensamento de Knowles é o fato de a sua visão estar excessivamente centrada no indivíduo em termos psicológicos, sem levar devidamente em consideração os contextos sociais, políticos, culturais, econômicos, e históricos que influenciam no campo pedagógico. Por isso, sofreu de diversas fragilidades que foram sendo reconhecidas pelo próprio Knowles:

Defino andragogia (...) em contraste com pedagogia (...) estou agora no ponto de observar que a andragogia é apenas outro modelo de suposições acerca dos aprendentes para ser utilizado lado a lado com o modelo pedagógico de assunções (Knowles, 1980, p. 43).

É deste modo que ganha centralidade no debate entre andragogia e pedagogia a ideia do saber experiencial, bem como o conceito de aprendizagem experiencial. Ora, segundo Paulo Freire, lembra Barros (2020), a aprendizagem experiencial está estruturada em duas categorias fundamentais: as categorias do diálogo e da comunicação, que servem

de base para o desenvolvimento dos pressupostos pedagógicos e da sua abordagem político-pedagógica (Barros, 2014, apud Barros 2020).

Portanto, infere-se que é nessa perspectiva que o conceito de dialogicidade contém as ideias principais com as quais Freire (1968, 1976) elabora uma teoria da educação e da ação cultural que é também uma teoria do conhecimento com implicações para a maneira de dar importância à experiência e ao papel do educador. Nesta abordagem parte-se do pressuposto epistemológico de que a prática educativa não é neutra e de que o educador tem que estar ciente, quer trabalhe com crianças quer trabalhe com adultos e adultos-idosos, que o processo educativo que operacionaliza na sua prática profissional irá contribuir para incluir ou excluir o educando, conforme afirma Paulo Freire.

A sociedade contemporânea reconhece a importância da educação nos processos de desenvolvimento pessoal e social dos idosos. De facto, o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a andragogia está intimamente ligado ao crescimento das oportunidades educacionais e à democratização do ensino. Vale lembrar que se para alguns é chamada de *aprendizagem ao longo da vida* e para outros *educação permanente*, na verdade ambas se referem à concretização em diversas formas de educação voltada para pessoas adultas idosas. Ao examinar o papel que a educação desempenha nos processos de desenvolvimento cognitivo e afetivo-social dos alunos mais velhos é possível ver muitos estudos que defendem a educação como determinante na otimização dessas dimensões com a idade.

Com essa comprovação fica igualmente clara a possibilidade de avanço e aperfeiçoamento de conhecimentos em todos os níveis, praticamente até o fim da vida. A educação atualiza não somente os saberes para crianças e jovens, mas também eleva o potencial da população mais velha. Além disso, a participação do idoso em espaços educativos auxilia na apropriação de significados que colaboram na autenticidade pessoal e no reforço da autoestima. É essa perspectiva de significação expressiva que nos faz entender a educação com alunos mais velhos em um nível mais profundo. A participação ativa na educação, conforme lembra Lópiz (2020), permite a apropriação de novas

ferramentas e recursos intelectuais desconhecidos para muitos alunos e é fonte de novas relações sociais, saúde e ilusões.

Para que isso aconteça, os professores de idosos precisam de formação e conhecimento sobre Psicogerontologia e outras habilidades para construir um bom relacionamento com esses alunos, sobretudo com adultos e com adultos-idosos. Para maior enriquecimento do ensino e aprendizagem nesse grupo social, Barros (2020) recomenda que os educadores procurem pautar nas ideias consubstanciadas no saber e na aprendizagem experiencial dos adultos-idosos, conforme a andragogia de Malcolm Knowles (1913-1997) e a pedagogia participativa de Paulo Freire (1921-1997). Rosanna Barros desenvolveu em sua pesquisa uma análise mais aprofundada na qual efetua uma síntese comparativa no sentido de explicitar os principais pontos convergentes entre as proposições de ambos os autores, a fim de motivar uma reflexão que possa animar o trabalho dos educadores críticos da contemporaneidade, pretendendo expandir o saber experiencial dos adultos-idosos para a promoção de um envelhecimento ativo ao longo da vida. Em termos gerais, a educação, nessas duas abordagens, é pensada como um conceito dinâmico, que pressupõe uma ação eminentemente humana realizada por um sujeito que interage com outros sujeitos e com o mundo, num processo de construção do conhecimento que é intersubjetivo e dialógico.

Paulo Freire aponta o diálogo como condição de conhecimento, numa relação pedagógica de caráter participativo desde que seja concebida em termos antiautoritários. É assim que, no âmbito de uma pedagogia-andragogia participativa, o diálogo é uma exigência existencial, pois como ressalta Freire:

É dizendo a palavra com que se pronunciam o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens (...), pois o diálogo é um ato de criação (Freire, 2001, p. 79).

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização para Paulo Freire: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é,

biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, como método de alfabetização, trouxe uma ideia animadora pois elevou a amplitude humana da “educação como prática da liberdade”. Nesse sentido, Freire alertou que em regime de dominação, sem diálogo, apenas se pode produzir e desenvolver uma “pedagogia do oprimido.”

Rosana Barros realçou, ainda, que no contributo da pedagogia freiriana aponta-se algumas das características que um educador, comprometido com a importância de reconhecer e valorizar o saber experiencial como alicerce dos programas educacionais que visam promover um ‘envelhecimento ativo ao longo da vida’, deverá apresentar. Estas características, designadamente, passam pela necessidade de ser: *tolerante*, opondo-se a qualquer tipo de discriminação; *amoroso*, promovendo a busca pelo ser mais de todos; *esperançoso*, sabendo encetar uma espera que é pacientemente impaciente; *dialógico*, exercendo a escuta do outro para assim poder falar com ele; *coerente*, que forneça pelo exemplo um testemunho ético dos pressupostos que defende, e *realista*, ciente dos limites existentes num dado momento (Freire, 1997). Nessa perspectiva, Gadotti, Freire e Guimarães (1995) lembram também que:

Um educador reacionário opera metodologicamente diferente de um educador revolucionário (...) um caminha com o objeto na mão, o objeto de conhecimento tanto quanto possível produzido por ele e por sua classe; o outro não se considera possuidor do objeto de conhecimento, mas conhecedor de um objeto a ser desvelado e também assumido pelo educando (Gadotti, Freire & Guimarães, 1995, p. 64-65).

Daí a importância concedida, nas práticas pedagógicas freirianas, às experiências de debate e de análise dos problemas reais dos educandos, como ponto de partida do trabalho educacional realizado com adultos e adultos-idosos visando reconhecer e valorizar o seu saber experiencial. Conclui-se, desse modo, que a crítica democrática da pedagogia-andragogia participativa, segundo a qual o saber é patrimônio de todos, dos excluídos e das classes poderosas, dos educadores e dos educandos implica

considerar no processo educativo, o saber de experiência construído que todas as pessoas possuem.

2 CONTEXTO SOCIAL

No Brasil, no dia 11 de abril de 2019, por meio do Decreto Número 9.765 foi instituída a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e essa é uma política de cunho social considerada um marco significativo para a educação brasileira. A história da educação no Brasil tem sido marcada por muitas lutas pelo direito de estudar, mesmo estando garantida na Constituição Federal de 1988. No entanto, o que os dados indicam é que o direito à educação continua sendo violado e sua restauração se torna ainda mais vital no atual contexto, frente às crises sanitária e econômica.

Desse modo, há de se considerar que é urgente a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas que atendam o público que clama para uma vaga na Educação de Jovens e Adultos Idosos (EJAI), de forma diferenciada, compreendendo suas especificidades.

Nas últimas décadas, os investimentos voltados para as políticas de educação básica não avigoraram a solução desejada e necessária para erradicar o analfabetismo no país. Para a concepção crítica de Paulo Freire, o analfabetismo é uma das expressões concretas de uma realidade social injusta (Freire, apud Ferraro, 2009).

Esta afirmação de Paulo Freire, usada na epígrafe por Alceu R. Ferraro para homenageá-lo na dedicatória deste livro intitulado *História inacabada do analfabetismo no Brasil*, sinaliza com ênfase que o leitor tem em mãos uma obra destinada a revolver as questões do passado para clarear as questões cruciais do presente acerca do analfabetismo. Ferraro (2009) relatou, em sua obra, que a construção social do analfabetismo como questão nacional, nos anos de 1878-1881, trata exatamente da relação desta construção

social nos debates ocorridos na Câmara dos Deputados em torno dos projetos liberais da reforma eleitoral ocorridos nesse período.

Visava-se, então, a aprovação da Lei Saraiva, de 9 de janeiro de 1881, "que incluiu na legislação e na prática política a exclusão dos analfabetos do direito de voto" (Ferraro, 2009, p. 17).

Para Ferraro, seu argumento teve como base os debates de parlamentares porque viu ali, no parlamento, como os termos "analfabetismo e analfabeto foram transformados em verdadeiro estigma, e como o problema do analfabetismo, de questão pedagógica, se transformou numa questão eminentemente ideológica" (Ferraro, 2009, p. 18).

É com esse viés de caráter político social que o pesquisador salientou a grande importância da alfabetização como instrumento na luta obrigatória pela destruição das condições estruturais do modelo de desenvolvimento adotado no atual contexto, que produz e realimenta o analfabetismo como realidade crônica deste país.

É nas formas de lidar com a relação entre escola e analfabetismo que o autor enfatiza o papel da escola, argumentando que "não basta superar a exclusão da escola, mediante a expansão e até a universalização do acesso. Importa sim, é transformar a lógica de exclusão que historicamente veio regendo o processo de escolarização das camadas populares" (Ferraro, 2009, p. 195). De fato, a exclusão de pessoas que fazem parte de camadas menos escolarizadas é histórica e evidente no país até os dias atuais.

Acredita-se que, diante dos debates sobre o tema que envolve a história do analfabetismo no Brasil, ainda inacabada, como diz o autor, tem um fim imprevisível e precisa de muitos passos firmes, qualificados e norteadores das reais tarefas a serem executadas. É preciso que especialistas, políticos, estudiosos e educadores, continuem a enfrentar o debate sobre a necessidade de alfabetização no Brasil.

Para isso, devem buscar políticas públicas eficazes, pois é um problema social grave que ainda se encontra em um contexto que suscita persistentes desafios. Isto

é ainda mais desafiante quando se pensa em grupos de pessoas idosas que carregam marcas de muitas lutas e de seus direitos violados, sobretudo aquelas que viveram por longo tempo em locais afastados, onde nem sequer havia escolas, outras que ainda vivem em espaços distantes ou nas periferias das grandes cidades.

Brasília é uma capital com características peculiares, pois conta com uma população formada por pessoas que saíram de seus vários estados da federação, com costumes e crenças muito diferentes devido à grande extensão territorial, e se reuniram aqui na busca de uma vida melhor. Mesmo sem escolaridade ou qualificação profissional, muitos encontraram problemas de moradia e de trabalho. Com audácia e sem meios de retornar para a terra natal, apoiados aos auxílios sociais, decidiram viver em assentamentos, na esperança de dias melhores.

Essa opção corajosa é que levou a formação de favelas em Brasília, que se tornaram cidades muito populosas, chamadas satélites. Algumas, como o caso de Varjão, autorizadas pelo Estado, são hoje denominadas regiões administrativas, nas quais muitas famílias vivem em situação de vulnerabilidade social. Muitas dessas pessoas são procedentes de lugares longínquos que também ofereciam riscos para suas vidas, por isso acabam suportando longa espera para conseguir uma moradia ou encontrar emprego na capital.

Em razão desse perfil habitacional, Brasília deveria ser uma referência para alfabetização de adultos, pois uma pessoa ser alfabetizada é fundamental para a vida social ser mais profícua e para o pleno exercício da cidadania. A alfabetização – e mais especificamente para adultos – no Brasil, no Distrito Federal, e em Brasília, com suas peculiaridades, precisa de ser um tema levado com todo o vigor para o centro da política pública educacional do país.

A educação, bem como a alfabetização de todas as pessoas é uma preocupação central das nações do século XXI. Não se pode conceber um futuro próspero para o país que descuida das suas políticas educacionais, uma vez que o progresso

científico, econômico e social de um povo está intimamente relacionado com a qualidade da sua educação.

No entanto, os resultados obtidos pelo Brasil nas avaliações internacionais e os próprios indicadores nacionais revelam um grave problema no ensino e na aprendizagem de leitura, de escrita e de matemática em grande parte da população em situação de invisibilidade e de dependência.

Essa é uma realidade que precisa ser mudada, por isso, o Brasil vive em um contexto de tensão e de plena preocupação em buscar formas para implementar programas de alfabetização em dimensões diversas. A mudança nos índices negativos propagados sobre pessoas analfabetas no país constitui um desafio para governantes, sendo necessário implementar, em condição de igualdade, mais projetos de Educação para Jovens e Adultos (EJA), viabilizando o combate ao analfabetismo que ainda aflige a sociedade brasileira.

2.1 Analfabetismo no Brasil

No Brasil, conforme a discussão que transcorre neste estudo, é categórico avaliar que o índice de analfabetismo é preocupante. De acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) de 2018, o analfabetismo, ainda que funcional, atinge cerca de 27% da população brasileira. (Instituto Paulo Montenegro, ONG de Ação Educativa, página 8.)

É evidente que o índice não deixa de estar associado à desigualdade socioeconômica. Em 2018, cerca de 30% de brasileiros possuíam muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, para reconhecer informações em um cartaz ou folheto, ou ainda fazer operações matemáticas simples com valores de grandeza superior às centenas.

Ao conhecer os níveis de analfabetismo no Brasil, percebe-se a importância de um educador acompanhar a evolução histórica da formação educacional que atinge não somente os jovens, mas também as pessoas adultas e idosas, uma camada respeitável e produtiva da população brasileira. Conforme os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Alfabetização, pela estimativa de 2018 apenas 7 em cada 10 brasileiros entre os 15 e os 64 anos podem ser considerados funcionalmente alfabetizados.

Diante desses dados, é imprescindível compreender a necessidade de implementar estratégias que combinem políticas públicas e iniciativas da sociedade capazes de assegurar a incorporação de crescente parcela de brasileiros à cultura letrada, à sociedade da informação, à cidadania plena, à participação social e política e ao leque de oportunidades de trabalho digno, responsável e criativo, como garantias constitucionais.

Sabe-se que o analfabetismo é um problema que acompanha o país desde seu nascimento. Conforme apontam Pinto e colaboradores (2000), foram inúmeras as tentativas de erradicar o analfabetismo no país, tais como:

- a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos de 1947; a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo de 1958;
- o Programa Nacional de Alfabetização, baseado no método Paulo Freire, de 1964;
- o Movimento Brasileiro de Alfabetização entre os anos de 1968 e 1978; a Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos (Educar) de 1985; o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania de 1990; o Plano Decenal de Educação para Todos de 1993;
- e, no final do último século, o Programa de Alfabetização Solidária de 1997.

Dessa forma, percebe-se que foram promovidos esforços no sentido de combater o analfabetismo que se mostra como um problema social crônico no Brasil.

Contudo, apesar dos esforços nacionais, o problema continua existindo e impedindo o pleno exercício da cidadania pela parcela da população que não sabe ler ou escrever.

Conforme o art. 3º da resolução CD/FNDE nº 32, de 1º de julho de 2011, são beneficiários do PBA (Programa Brasil Alfabetizado):

1. Jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos não alfabetizados, doravante denominados alfabetizandos;
2. Voluntários alfabetizadores;
3. Voluntários tradutores-intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que atuarão em turmas com pessoas com surdez ou com deficiência auditiva, usuárias de Libras; e
4. Voluntários coordenadores de turmas.

Os termos voluntários referentes ao PBA seguem as disposições do art. 11 e seu parágrafo 1º (primeiro) da Lei nº 10.880, de 19 de junho de 2004, e do art. 1º (primeiro) da Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, não consistindo em vínculo empregatício, pois estabelecem que as atividades desenvolvidas pelos alfabetizadores no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado são consideradas de natureza voluntária, conforme está regulamentado no parágrafo primeiro: “O alfabetizador poderá receber uma bolsa para atualização e custeio das despesas realizadas no desempenho de suas atividades no Programa.”. (Brasil, 2004)

Assim, foi regulamentado e na sequência lançado para a cumprimento do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, o projeto foi idealizado no Varjão – DF devido à grande demanda de pessoas idosas sem qualquer nível de letramento na região, o qual logo ganhou notoriedade.

O analfabetismo traz como consequência uma exclusão social e comunicacional da pessoa idosa que pode resultar em um aumento no preconceito já vivenciado por esta população, uma vez que a falta de acesso ao letramento se alia com toda a exclusão da comunicação cotidiana na sociedade.

Quando pensamos na complexidade da vida moderna, com todos os seus recursos comunicacionais, percebemos que o acesso à informação é uma dificuldade básica, além da dificuldade de interação e desenvolvimento da autonomia. O preconceito de que idosos sejam inúteis se acentua com a falta de escolaridade, embora muitas vezes tenham sabedoria para viver, além de carregarem culturas e conhecimentos variados

Após conhecer o projeto, vivenciar momentos de empatia e solidariedade, surgiu a oportunidade imediata de atuar como voluntária, junto àquelas pessoas que se mostravam desejosas de uma oportunidade de aprender a ler e escrever.

E, nesse ínterim, ao ingressar no curso de mestrado, avaliou-se a possibilidade de realização de um estudo sobre o tema, em razão da divulgação do resultado de estatísticas que continuam a mostrar o Brasil como um país com grande número de pessoas analfabetas ou semianalfabetas com idade a partir de 60 anos (Figura 1) e que, apesar da faixa etária, ainda possuem vontade de estudar e de exercer alguma atividade produtiva¹³.

Figura 1: Analfabetismo no Brasil

¹³ Idosos têm a maior proporção de analfabetos, diz IBGE- Como ter acesso aos direitos previdenciários e sociais sem saber ler? Estudo divulgado em junho de 2019 pelo IBGE revela que 18,6% dos idosos no Brasil são analfabetos. Disponível em:

<https://comunicasimples.com.br/2019/07/11/segundo-ibge-escolaridade-aumenta-entre-brasileiros-e-idosos-sao-o-grupo-com-a-maior-proporcao-de-analfabetos/> Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

Taxa de analfabetismo

	2016	2017	2018
15 anos ou mais	7,2%	6,9%	6,8%
60 anos ou mais	20,4%	19,2%	18,6%



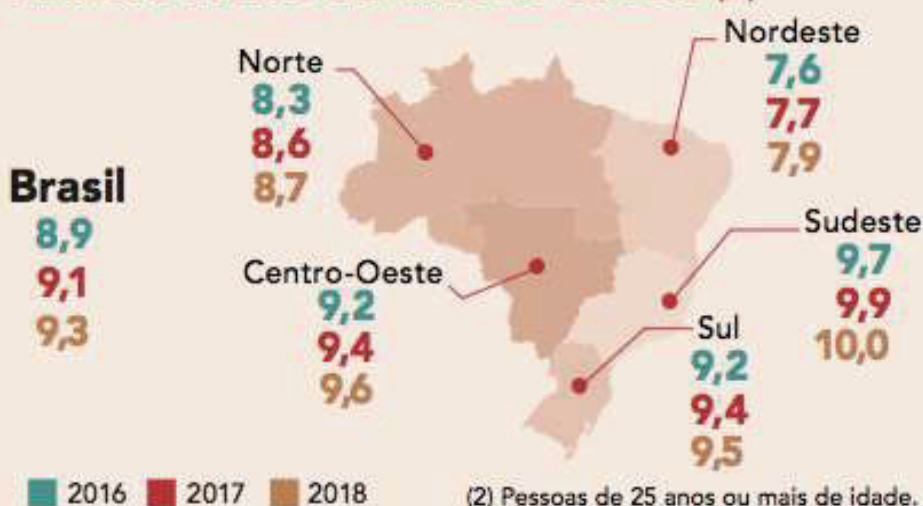
Nível de instrução (1)



	2016	2017	2018
Sem instrução	7,8%	7,2%	6,9%
Concluíram ao menos a etapa do ensino básico obrigatório	45,0%	46,2%	47,4%

(1) Pessoas de 25 anos ou mais de idade.

Número médio de anos de estudo (2)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2018.

Os problemas de alfabetização também são assinalados pelo Ministério da Educação (MEC), que está iniciando a implantação de nova agenda chamada Política Nacional de Alfabetização - PNA¹⁴. A Política Nacional de Alfabetização pretende oferecer às redes e aos alunos brasileiros, por meio de programas e ações, a valiosa contribuição das ciências cognitivas, especialmente aplicada às práticas de leitura. Com esta PNA espera-se que ocorra mudança no quadro atual, trazendo reflexos positivos não apenas na educação básica, mas em todo o sistema educacional do país.

O analfabetismo resiliente no Brasil, absoluto ou funcional, reflete a exclusão do passado, faz sombra ao presente e mina possibilidades do futuro. No Brasil, existe uma desigualdade social que se espelha na própria desigualdade educacional.

As oportunidades não são iguais para todos. Existe uma desvalorização da educação para pessoas de baixa renda, lamenta Roberto Catelli Jr., da Ação Educativa, ao pensar sobre as dificuldades atuais do país acabar com o analfabetismo.

Chegar à idade adulta na condição de analfabeto numa sociedade letrada predominantemente urbana, grafocêntrica, centrada na escrita, como é o caso de Brasília, é uma situação que contribui para o processo de exclusão social, a qual, mesmo não sendo estritamente educacional, tributa para a perpetuação do quadro social.

O analfabetismo no país é um sintoma cultural de um processo mais amplo de exclusão, portanto, reverter esse quadro social para os grupos mais vulneráveis requer mais políticas para uma educação com mais justiça que pense na equidade social, ou pelo menos na minimização do analfabetismo.

Mudar este quadro é um grande desafio para qualquer nação, em especial para o Brasil, país de dimensões continentais e diversidades regionais evidentes. De acordo com as informações trazidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil tem ainda 11,8 milhões de analfabetos. Como o foco deste levantamento específico é

¹⁴ Brasil, MEC- Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf - Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

realizado no que tange ao segmento da população brasileira com 15 ou mais anos de idade, estamos tendo um recorte focado justamente nas pessoas que carecem de formação por meio da Educação de Jovens e Adultos.

Destaca-se que, neste caso específico, ou seja, olhar para os brasileiros que padecem em virtude do analfabetismo, a definição é bem clara, ou seja, refere-se as pessoas que não sabem ler e escrever um bilhete simples. Isso, em pleno século XXI, quando discutem-se questões relacionadas a alfabetização e/ou letramento digital como base formativa já para as crianças nos níveis mais elementares e iniciais da educação.

Segundo a pesquisa divulgada no portal da educação, há uma maior concentração de analfabetos entre pessoas com 60 anos ou mais, segmento em que o analfabetismo atinge 20,4% da população (cerca de 6 milhões de pessoas). Entre as pessoas com 40 e 59 anos, o índice é de 12,3%; entre 25 e 39 anos de idade, contabilizam-se 8,8% de analfabetos; para as pessoas que têm entre 18 e 25 anos o índice é de 7,7%; entre os brasileiros com idade entre 15 e 18 anos, 7,2%.¹⁵

Ademais, o analfabetismo atinge mais as pessoas negras ou pardas (9,9% do total), enquanto entre os brancos o índice chega a 4,2% para os maiores de 15 anos. Entre os maiores de 60 anos, o índice de analfabetismo entre os negros e pardos chega a 33%, ou seja, atinge um em cada três brasileiros deste segmento social.

Estes dados explicam e reforçam a compreensão de problemas sociais variados percebidos no país, relacionados a temas como violência, desemprego, problemas de saúde, dificuldades de relacionamento, discriminação racial e algumas outras situações. Reforçam que a educação formal, realizada por meio das escolas, é imprescindível para a sociabilização, a inserção no mercado profissional, a capacidade de relacionamento interpessoal, a superação das diferenças étnicas/raciais e para a melhoria da condição de saúde das pessoas de todas as idades.

¹⁵ Dados disponíveis em; <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/jovens-e-adultos/a/119/o-analfabetismo-e-a-educacao-de-jovens-e-adultos-no-brasil> Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

2.2 Projeto de Alfabetização de Idosos no Varjão - DF

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos é específica, com foco na formação de pessoas que por diferentes fatores não conseguiram a formação básica, ou seja, não conseguiram sequer completar as etapas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Esse é o foco dado ao Projeto no Varjão - DF. É apenas uma gota no oceano, mas é uma ideia incrível que pode ser ampliada.

Os povos, em geral, têm histórias de lutas, vitórias e conquistas, fatos que marcaram suas vidas ao longo dos anos. Com o Varjão não é diferente: uma comunidade marcada por lutas e por conquistas, pois são pessoas, famílias que deixaram suas regiões de origem e vieram para a capital brasiliense e lutaram por um espaço em busca de melhores condições de vida.

A história do Varjão inicia-se na década de 1960 com o povoamento da Vila Varjão. Tem-se o conhecimento de que o terreno pertencia a uma fazenda, chamada Fazenda do Brejo. Segundo informação de moradores, havia uma pessoa que detinha a posse da terra e que resolveu dividi-la entre seus empregados, embora esta fosse de propriedade do Governo do Distrito Federal.

Devido a efetivação dessas divisões estabeleceu-se, em 1984, o primeiro estudo para a fixação da população do local. Já na década de 1990, a área do Varjão foi delimitada após a implementação de um projeto urbanístico, ficando vinculada à Administração do Lago Norte. No dia 06 de Maio de 2003, a Lei número 3.153, estabeleceu o desmembramento de área, e elevou a Vila Varjão à categoria de Região Administrativa do Distrito Federal.

Quanto à geografia, o Varjão localiza-se no extremo sudoeste do Setor Habitacional Taquari, próximo ao Setor de Mansões do Lago Norte. Varjão faz divisa ao norte e a leste com Setor Habitacional Taquari, e limita-se ao sul pela estrada do Parque

Paranoá e Ribeirão do Torto, ao oeste por uma área pública. Dessa forma, o Varjão localiza-se fisicamente na borda de um relevo de elevação aguda, caracterizada pela formação de uma encosta íngreme.

Figura 2: Vista da cidade de Varjão



Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/05/22/>
Acesso em 20 de janeiro de 2022. Pode-se visualizar a história no link:
<https://youtu.be/qNFyiG7V8bk?t=143>

Varjão ainda é uma pequena cidade, situada atrás do bairro nobre Lago Norte, local que mostra claramente a percepção de como a vida é dividida entre dois mundos: tão perto e, ao mesmo tempo, tão distantes um do outro.

No mundo de cá, em uma escola do Varjão, sentadas em círculos, em cadeiras duras e pequenas, estão senhoras com idades variadas entre 60 e 89 anos. E, em cada uma, uma história marcada de situações de recomeço comovente. Alguns homens também se juntam a elas, trazendo igualmente os seus sonhos.

O projeto de alfabetização foi criado para que essas mulheres idosas do Varjão pudessem dar sentido às suas vidas, pois ali viviam sem saber ler ou escrever, carregando o coração cheio de culpa, vergonha e limitações para buscar seus direitos junto aos órgãos públicos, pois até então não acreditavam na possibilidade de conseguirem um pouco mais de dignidade.

Antes de conhecer o projeto, dizia a humilde senhora: “havia uma escuridão sem fim. A vida inteira, a maior parte da vida foi assim”. Sentiam-se envergonhadas por isso. Havia culpa e medo. Mas, um dia, elas descobriram que no mesmo lugar onde foram cegas por tanto tempo, até todo o breu pode se dissipar. E a luz, apenas um pouco dela, ainda que fugidia, pode surgir e iluminar suas vidas. Entenderam então que, até mesmo quando a vida se encontra cheia de dor e de cansaço, o que importa é a própria claridade. Esta história contada pelo jornalista emocionado:

“É a prova de que catarses, até mesmo nos lugares mais improváveis, impensáveis, quando tudo parece consumado, podem ser reais. E a gente descobre que são esses os renascimentos mais comoventes, os que realmente valem a pena. Os que fazem sentido” (Marcelo Abreu, *Correio Braziliense* de 02/05/2019).

Conforme explica Joyce Castro (2017), o relato de experiência demonstra a credibilidade no processo de ensino da Educação de Jovens e Adultos Idosos na Escola Classe Varjão bem como suas correlações com o Programa DF Alfabetizado, nomeadamente, pela pauta sobre Diversidade e Cidadania com ênfase na Educação de Jovens e Adultos, promovida pela Universidade de Brasília.

Para tanto, vale destacar a importância dos marcos legais do Programa DF Alfabetizado e da Educação de Jovens e Adultos, os dados sociais, econômicos e

educacionais da Região Administrativa Varjão, além da realização de problematizações sobre a relevância da Educação de Jovens e Adultos.

Consiste em um projeto social educativo que tem como objetivo propiciar uma reflexão sobre as relações entre a oferta da modalidade, desenvolvida pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, e as especificidades de seu público-alvo enquanto classe trabalhadora.

Figura 3: Sala de aula do projeto de alfabetização



Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/05/02/projeto-de-alfabetizacao-da-novo-sentido-a-vida-de-idosas-no-varjao.shtml>- Acesso em: 20/01/2022.

O local é uma pequena chácara, cercado por mangueiras. E, hoje, povoado por uma gente que caminhou tanto, pelejou tanto, que até os poucos sonhos foram adiados. E agora, depois da luta, quer pelo menos escrever, literalmente, o que ainda puder

ser escrito. E quer também ler tudo que olhos opacos ainda permitirem e é isso que se chama luz. Esses idosos foram ali atrás dessa luz.

Essa é a descrição do espaço de realização do Projeto de Alfabetização de Idosos, escolhido para o estudo proposto nesta pesquisa.

Os encontros ocorrem três vezes por semana na Associação dos Idosos do Varjão, com participação de professores e professoras voluntárias. Levam àquelas pessoas o discurso motivador de que, não importa o que tenham passado, ainda há tempo para contar outra história. Os homens, sempre em minoria, se matriculam nas aulas de alfabetização, mas não continuam, por razões diversas.

Nos últimos três anos, segundo reportagem do *Correio Braziliense*, 100 mulheres e 18 homens passaram pela Associação. Segundo o jornalista Marcelo Abreu, os homens costumam desistir no percurso porque sentem vergonha de alguém saber que eles não sabem ler (Marcelo Abreu, *Correio Braziliense* de 02/05/2019).

A Educação de Jovens e Adultos no Varjão constitui-se como um espaço de retomada de direitos, de busca por estratégias pedagógicas que desenvolvam a compreensão da realidade social e as formas de participação nas lutas coletivas para a transformação da sociedade, passando pela reflexão e reelaboração da própria história de vida dos estudantes e do reconhecimento dos limites e das potencialidades de condição da classe trabalhadora.

Embora muitos participantes se sintam envergonhados por serem rotulados de idosos, acreditam e sonham com o domínio da leitura e escrita para o ingresso a um bem-estar social da mais elevada importância, uma vez que marca décadas de luta por uma sociedade menos desigual que garanta o exercício da cidadania a todas as pessoas que ali se instalaram.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia de pesquisa adotada para a realização do estudo consiste numa abordagem qualitativa com a realização de grupos focais (*focus groups*) para coleta de dados. A escolha da pesquisa qualitativa deve-se ao fato de que ela revela seu verdadeiro potencial quando as partes essenciais do processo são encadeadas, conforme explica Uwe Flick.

Na pesquisa qualitativa as decisões relativas à seleção concentram-se nas pessoas ou nas situações das quais os dados são coletados e no extrato do material coletado, a partir do qual novas interpretações sejam realizadas ou cujos resultados sejam apresentados como exemplos (Flick, 2009, p.132).

3.1 Sobre o método “grupos focais”

Conforme Stewart e colaboradores (2007), os grupos focais podem ser úteis em praticamente qualquer ponto de um programa de pesquisa, mas são particularmente úteis para pesquisas exploratórias quando pouco se sabe sobre o fenômeno dos interesses.

A utilização dos grupos focais, de forma isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados primários, revela-se especialmente útil na pesquisa qualitativa. Vale lembrar que nos estudos de avaliação de implantação de programas e estratégias de ensino, que costumam subsidiar a tomada de decisão, são mais valorizadas as metodologias de inspiração construtivista, posto que, nestes casos, é necessário apreender a complexidade do objeto e seu caráter dinâmico (Novaes, 2000).

Este tipo de abordagem enfatiza a necessidade de considerar a visão de diferentes sujeitos e contextos sociais sobre os quais incidem o fenômeno a ser avaliado.

No caso específico da pesquisa de avaliação de satisfação das pessoas idosas que vivenciam o projeto no Varjão, a utilização de grupos focais deve ser vista como uma

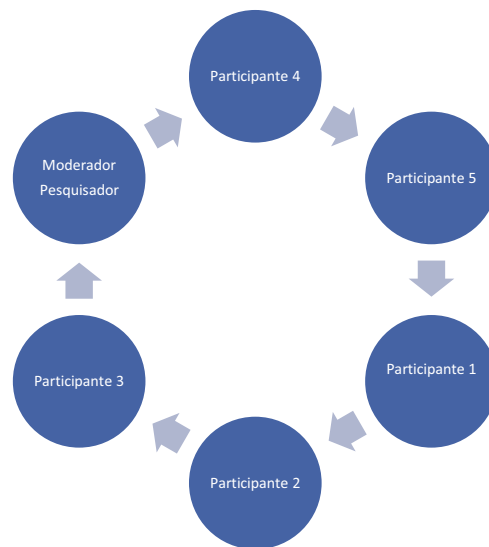
estratégia para superar limites associados à mensuração do nível de satisfação com o serviço prestado.

Assim, há de se considerar que os grupos focais se constituem como um componente ideal para seleção dos dados, com destaque, no caso de pessoas idosas como sujeitos desta pesquisa, uma vez que foi uma opção valiosa pelo aspecto interativo e pela possibilidade de insights imediatos que poderiam ser menos acessíveis sem interação (Flick, 2009).

Os procedimentos adotados para a realização dos grupos focais seguiram as instruções de Vergara (2004), que assegura o uso do grupo focal como apropriado quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiências, visto que a discussão durante as reuniões é efetiva em fornecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem ou, ainda, sobre a forma como agem.

Para a realização dos grupos focais buscou-se, num primeiro momento, planejar duas reuniões com quatro a cinco convidados de cada vez, em um local apropriado, na própria escola.

Para o desencadeamento das opiniões, optou-se pela utilização da técnica de motivação para uma discussão livre. A estrutura dos grupos seguiu as recomendações de Leitão (2003), conforme ilustrado a seguir:



De acordo com Krueger e Casey (2009) um *focus group* não é apenas reunir um conjunto de pessoas para conversar. Segundo os autores, é um tipo de grupo especial em termos de objetivo, tamanho, composição e procedimentos. Desta forma, cada *focus group* deve considerar as características seguintes: os participantes e suas particularidades, a garantia de uma captação de dados qualitativos, uma discussão focada no objetivo e a compreensão do tópico de interesse (Krueger & Casey, 2009).

Segundo Ribeiro e Newmann (2010), existem diversas vantagens na utilização de *grupos focais* para uma pesquisa qualitativa, tais como:

- I. Incentiva os participantes a refletirem sobre si mesmos, consciencializando-se das suas crenças e atitudes espelhadas nos comportamentos e opiniões dos outros.
- II. Investigam comportamentos e motivações específicas, facilitando a comparação entre as visões dos participantes em relação a um determinado tópico.
- III. Auxiliam o investigador a compreender e conhecer a linguagem e comunicação utilizada pela população, através da partilha de pensamentos, experiências e valores.

IV. O fornecimento de informação, através da dinâmica de grupo, permite um eficiente levantamento de dados, pois os participantes poderão refletir a população em geral.

Quando se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter social, como neste caso, os grupos podem render informações valiosas, com o surgimento de novas e emocionantes ideias.

As possibilidades que surgem são infinitas, tanto para a sociedade quanto para as políticas públicas sociais em razão pela qual o grupo focal é uma excelente ferramenta de pesquisa, especialmente quando realizada com este grupo social de grande relevância para implementação de novas políticas públicas sociais.

3.2 Realização dos grupos focais

A composição do grupo foi organizada de acordo com a particularidade e requisitos do estudo. As pessoas idosas participantes foram selecionadas de acordo com a orientação de Morgan (1997), sendo todas membros do mesmo projeto de alfabetização.

Desta forma, foi possível garantir um certo nível de homogeneidade entre os participantes dos grupos focais com características semelhantes entre si. A homogeneidade, neste caso, ocorreu mais no aspecto da faixa de idade e no nível de interesses, permitindo não apenas o diálogo mais fluente entre os participantes, mas também facilitando as observações para a análise entre as diferentes perspectivas dos grupos. Tornou-se agradável porque permitiu que os participantes se sentissem mais confortáveis e seguros entre si.

Os encontros foram realizados pela pesquisadora. Para melhor garantir a fidelidade dos dados, foram gravados os diálogos e depois transcritos pela pesquisadora para a organização dos dados e discussão final. Conforme as prescrições éticas para realização de pesquisas com seres humanos, foi aplicado Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido. Antes de iniciar foi solicitada a autorização de gravação no próprio celular porque foi percebida a dificuldade de transcrição imediata. O grupo, em coro, autorizou a gravação, em seguida todos assinaram a autorização para participação.

Na interação com os participantes buscou-se valorizar as observações elencadas sobre as formas didáticas aplicadas com pessoas idosas nas aulas, as revelações feitas sobre os benefícios para melhoria da qualidade de vida e à prática da cidadania após frequentar as aulas e participar do projeto, e aos motivos pelos quais os participantes não tiveram oportunidade de estudar na idade regular.

As participações tiveram por base as respostas dadas às três questões da pesquisa:

- 1) Em que consiste o projeto social de Alfabetização da cidade de Varjão - DF?
- 2) A participação de uma pessoa idosa na sociedade é determinada pelo letramento escolar?
- 3) Como uma pessoa idosa demonstra autoestima pelo fato de ir à escola para começar ou recomeçar a estudar na esperança de se obter um futuro mais promissor e próspero do que sempre almejou?

Essas questões foram transformadas em frases motivadoras para facilitar a discussão realizada no grupo focal:

- 1- A realização do projeto social de alfabetização da cidade de Varjão - DF contribui para o desenvolvimento social das pessoas que participam dele.
- 2- A realização do projeto social de alfabetização da cidade de Varjão - DF ajuda as pessoas idosas a participarem socialmente das atividades essenciais para sua vida como ir ao banco, usar o telefone celular, escrever lista de compras, entre outras.
- 3- Uma pessoa idosa demonstra melhoria na autoestima pelo fato de ir à escola, pois pode desenvolver muitas atividades.

Conforme planejado, a pesquisa foi realizada de modo presencial, junto aos participantes, em forma de grupos focais. Cada um dos grupos composto por quatro ou cinco idosos participantes, escolhidos por serem assíduos no projeto.

Os temas discutidos foram levados em cartazes separadamente e a discussão seguiu em forma de dinâmica, tal como se realiza uma discussão em uma sala de aula, pois foram organizados em disposição de círculo, deixando cada participante à vontade para se expressar, enquanto os outros ouviam atentos.

Conforme as indicações de Brée (1993), para uma pesquisa de sucesso, em que o contexto, a abordagem e a comunicação deverão ser adequados às capacidades e aptidões das pessoas participantes, a discussão deve privilegiar a utilização de vocabulário simples e de linguagem adaptada, assim como o uso de elementos visuais compatíveis com a realidade.

De acordo com Krueger (2002), o trabalho com grupos focais deve ser efetuado em quatro passos:

1. Dar as boas-vindas aos participantes
2. Rever o tópico principal da discussão
3. Explicar as regras e o funcionamento da discussão
4. Início das questões

Seguindo os passos propostos por Krueger e após explicação de todo o funcionamento do processo, iniciou-se com a primeira questão, apresentada em cartaz, no qual buscou-se a resposta de cada participante sobre a contribuição do projeto de alfabetização da cidade de Varjão - DF para o desenvolvimento social das pessoas que participam dele. Percebeu-se uma motivação calorosa do grupo, até mesmo porque algumas mulheres queriam relembrar suas histórias de vida, antes e depois de conhecerem o projeto.

Sentiam-se orgulhosos de serem estudantes, ao contar o quanto estão mais participativas no mundo após se integrarem no projeto social de alfabetização da cidade

de Varjão - DF. Foi nesse momento que se identificou o quanto as questões estão relacionadas umas às outras e os argumentos dos participantes pareciam anteceder a discussão subsequente.

A questão proposta apresentada no cartaz número dois teve como objetivo saber se a realização do projeto de alfabetização da cidade de Varjão - DF ajuda as pessoas idosas a participarem socialmente das atividades essenciais para a vida em sociedade, como ir ao banco, usar o telefone celular, escrever lista de compras entre outras.

A resposta positiva foi unânime em todos os grupos focais e as histórias foram tantas que foi necessário fazer uma seleção criteriosa de algumas delas para a transcrição que foi realizada na sequência.

Quanto à questão para discussão no cartaz três sobre a melhora da autoestima pelo fato de ir à escola e de poder desenvolver muitas atividades, os participantes revelaram situações incríveis e algumas dignas de serem selecionadas para a transcrição dos dados.

Participaram da pesquisa 20 pessoas idosas, dentre elas havia quatro homens, sendo todos inscritos no projeto de alfabetização da cidade de Varjão - DF. Importante destacar que, de entre os 80 participantes do projeto que se dispuseram a participar dos grupos focais, somente quatro são do sexo masculino.

Este fato corrobora a visão, já tão evidenciada em outras pesquisas, acerca da realidade social do país, evidenciando a predominância das mulheres como frequentadoras de programações oferecidas para pessoas idosas.

Pode-se admitir também que, culturalmente, a independência da mulher, principalmente aquelas de menor condição social, pode ser considerada como recente na realidade brasileira, pois, historicamente os costumes de estudar e de realizar atividades profissionais fora de casa antigamente eram valores machistas, imputados ao sexo masculino, enquanto a mulher cuidava de casa e dos filhos.

Quanto à idade dos participantes, identificamos que a maioria (12) se encontra na faixa etária de 60 a 70 anos, cinco apresentam idade entre 71 e 79 anos e três participantes têm entre 80 e 85 anos. Deste grupo de participantes, seis são pessoas casadas, cinco são viúvos, seis divorciados e 3 solteiros.

Quanto à atividade ocupacional, constatou-se que todos os participantes vivem em condição de aposentados, mas alguns deles ainda exercem atividades profissionais na busca de complementação de renda.

Costumam desempenhar alguma atividade, nesses casos, como costura, confecção de tapetes, trabalhos manuais como artesanato em tricô e crochê, venda de lanches como bolos e biscoitos, venda de verduras em feiras, há até mesmo quem aluga espaço (barraco) ampliado em sua casa. Há também mulheres idosas que passam roupas em casa de famílias no bairro próximo, sem vínculo empregatício e outras ainda que trabalham como faxineiras.

Estes dados são importantes para representação das identidades sociais das pessoas idosas que frequentam o projeto de alfabetização da cidade de Varjão – Distrito Federal. Foi possível identificar que muitas dessas pessoas idosas entrevistadas recebem basicamente salário-mínimo, no entanto, já alfabetizados, têm autonomia para tomar decisões sobre suas vidas, como por exemplo, decidirem pela opção de voltar a estudar.

Demonstraram -se, com suas informações melhoria de autoestima, pois percebem que, mesmo idosos, podem aprender mais, podem se tornar mais independentes, frequentando aulas do projeto dedicado exclusivamente a eles, que além de ensinar a ler e escrever, ensinam a decidir sobre a maior participação em atividades oferecidas pela sociedade e que essa é uma oportunidade que pode ajudá-los até mesmo a ampliar a renda da família.

No capítulo seguinte encontram-se os resultados extraídos das discussões ocorridas nos grupos focais, com vistas a apresentar respostas às questões relacionadas de acordo com os objetivos inicialmente propostos para realização do estudo.

4 RESULTADOS

*O narrador figura entre os mestres e os sábios.
Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é
contá-la inteira. (Walter Benjamin)*

A metáfora de Walter Benjamin é bastante esclarecedora para explicitar o modo da relação entre o narrador, o participante do grupo e a narrativa, discurso exposto durante a sua participação que se adota aqui para apresentar os recortes das falas dos participantes dos grupos focais. Faz em sua obra uma comparação com a mão do oleiro na argila do vaso, lembrando que, embora seja sempre a mesma mão, o oleiro jamais consegue fazer dois vasos iguais, pois marca cada vaso à sua maneira.

Assim também a pessoa participante é o produto de uma relação artesanal, construída, única e inimitável. Jamais se pode contar uma história do mesmo modo, mesmo que se possa manter o conteúdo, pois cada vez que narra sua história, o narrador também já não é mais o mesmo.

Com esta metáfora, Benjamin também salienta a essência da narrativa, pois contar suas histórias é uma expressão de arte. Ser narrador, portanto, é ser um artista e para sê-lo, é preciso ter um dom, pois poder contar sua vida, e se considerar um artista digno, maior ainda é sua tarefa artística, a de poder contar sua experiência que vale para a sua vida inteira.

Quanto às vozes e ou discursos dos participantes, destacam-se a seguir o resumo das falas dos grupos que foram transcritas após audição e seleção feita com auxílio da gravação realizada, durante a realização dos grupos focais.

A escolha das falas para transcrição foi feita de forma aleatória; no entanto, observou-se aquelas que representaram a ideia de todo o grupo e que estavam de acordo com os objetivos da pesquisa. Muitos participantes repetiram a fala de outras ou mesmo optaram por contar as histórias de vida, de forma longa, repetitiva e, assim, desconectaram do objetivo proposto.

Para não identificação das pessoas idosas participantes, optou-se por nomes fictícios:

A. Participante 1

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Maria	Aluna idosa, participante do grupo focal número 1, viúva, tem 71 anos, catarinense, 10 filhos; está na associação há 6 anos e considera-se que foi alfabetizada ali.	<i>“Eu morava na roça e não havia escola perto, casei-me muito jovem e passei a cuidar do marido e dos filhos atualmente, moro com uma neta. Acho muito importante não ficar parada. A Associação foi muito importante para mim porque foi aqui que eu aprendi a ler e escrever”.</i>

B. Participante 2

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Luzia	Aluna, idosa do grupo 1, 74 anos, viúva, mineira, 6 filhos, está na associação há 4 anos. alfabetizada no projeto.	<i>Quando fiquei viúva, me vi obrigada a vir para Brasília para morar perto de uma filha, Aprendi a ler no projeto da Associação. Minha vida ficou mais fácil, pois agora consigo fazer muitas coisas sem depender de ninguém. Conheci muitas pessoas, tenho muitas amigas para conversar.</i>

C Participante 3

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Vera	Aluna, Idosa do Grupo 2, 75 anos, viúva, 4 filhos, baiana, está na Associação há 8 anos.	<i>“A principio cheguei a procurar outros lugares para tentar voltar a estudar, sabia que precisava aprender a escrever, pelo menos assinar o próprio nome, ler um endereço, os letreiros das lojas, a rota do ônibus”.</i>

C. Participante 4

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Iara	Aluna, Idosa do Grupo 2, 74 anos, viúva, 6 filhos, baiana, está na Associação há 8 anos.	<i>“Eu cheguei a procurar outros lugares para voltar a estudar, porque eu queria muito aprender a escrever para nunca mais dizer aos outros que sou analfabeta. Sentia vergonha demais. Hoje sei assinar meu nome, tenho conta na Caixa e sei jogar na loteria. Eu aprendi muitas coisas aqui na Associação.</i>

D. Participante 5

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Ana	Aluna, idosa do grupo 3, 77 anos, gaúcha, viúva 6 filhos, está na Associação há 10 anos.	<i>“Eu sei ler e escrever e aprendi na Associação. Sinto mais valorizada e sou independente agora. Vim para a escola porque soube que era meu direito como idosa e que aqui podia estudar somente pessoa da nossa idade. Foi bom para mim. Agora já consigo pegar transporte público, fazer compras, abri minha conta no banco, eu consigo ler até a bula dos meus remédios”.</i>

E. Participante 6

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Neusa	Aluna, idosa do grupo 4, baiana, 72 anos, seis filhos está na Associação há 8 anos.	<i>“Aqui a minha história teve um recomeço. Fui doméstica a vida inteira nas casas de ricos do Lago Norte. Dou muito valor a mudança do meu destino. Uma patroa minha que me incentivou a estudar. Ela me disse que eu era inteligente e eu fiquei muito feliz porque vi a possibilidade de fazer outra coisa, pois só sabia limpar e arrumar casas e vidas alheias.”</i>

F. Participante 7

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Val	Aluna, do grupo 5, 69 anos, separada há 34 anos, 8 filhos, piauiense, mora em Brasília há 51 anos e está no projeto há 10 anos	<i>“Mesmo cega de um olho por causa da diabete, tive três AVCs, com sequelas graves e foi através da fisioterapeuta da associação que melhorei, tinha perdido a esperança de viver. Criei coragem e vim para o projeto em busca de estudo. Além dos cuidados recebidos dos filhos, é na associação que recebo apoio e atenção”.</i>

G. Participante 8

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Ribamar	Aluno, do grupo 5, 79 anos, 9 filhos, viúvo, maranhense, está no Projeto há 6 anos.	<i>Eu morava na roça, casei-me cedo, não sabia escrever, nem ler, só sabia trabalhar para sustentar a família. O pouco que aprendi foi na Associação, gostaria de ter aprendido mais, fiquei sem ter onde morar e hoje moro num quartinho nos fundos da associação. Gosto da convivência com as pessoas que frequentam a Associação. Aqui é minha casa, aprendi muito como trabalhar e colaboro com todas as atividades da Associação e ainda estudo.</i>

H. Participante 9

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Sandra	Aluna, do grupo 5, 74 anos, era viúva e está recém-casada há três meses, feliz da vida. Teve 5 filhos. É mineira e está no projeto há 5 anos.	<i>Era filha única entre 5 irmãos, os pais faziam minhas vontades quando criança. Um dia disse ao pai que a professora da escola onde estudava havia me chamado. atenção e o pai não me deixou voltar à escola. Arrependida de não ter estudado no momento certo, vim para curso de alfabetização. O que mais gosto é saber ler as mensagens que recebo no celular e respondê-la. Ando sozinha em transportes públicos e não preciso pedir informações. Sou muito grata as professoras da Associação.</i>

I. Participante 10

Nome fictício	Identidade pessoal	Excerto
Júlia	Aluna, do grupo 3, 79 anos, 4 filhos, viúva, baiana, está no Projeto há 6 anos.	<i>Aqui na Associação, eu aprendi muito e passei a acreditar em mim e foi assim que conquistei tudo na vida. Eu trabalhava de dia e, à noite ia para a escola. Eu queria ser diferente, deixar de ser empregada. Hoje, leio livro até no ônibus quando vou trabalhar e sei escrever recados para meus filhos.</i>

Diante da natureza discursiva da pesquisa, notou-se que não seria necessária uma amostragem muito ampla porque percebeu-se muita semelhança entre os pontos de vista dos participantes. Reitera-se que o perfil sociodemográfico dos participantes se caracteriza como um grupo social formado por pessoas que participaram das lutas políticas para a legalização de seus espaços e da busca de uma vida mais promissora.

São migrantes advindos de outros Estados da Federação e, ao chegarem à Vila Varjão, ocuparam espaços chamados de assentamentos em terras do Distrito Federal. No entanto, observou-se, durante o estudo, que é um grupo que carrega marcas de uma vida à margem dos padrões sociais desejados. No entanto, mesmo vencendo muitos desafios, se encontram ainda inseridos em uma condição social frágil. Foi assim que constituíram, durante todo o percurso histórico, suas identidades ainda eu fragmentadas.

Como as histórias contadas, com excertos destacados nas ilustrações, existem outras histórias similares de pessoas idosas que se encontram matriculados no Projeto da Associação do Varjão. O Senhor Ribamar, por exemplo, representa com clareza as identidades de grande parte do grupo que ali estuda:

- **Identificação:** *“Eu morava na roça, casei-me cedo, não sabia escrever, nem ler, só sabia trabalhar para sustentar a família”.*

- **Fragilidade social:** *O pouco que aprendi foi na Associação, gostaria de ter aprendido muito mais, mas aconteceu que fiquei sem ter onde morar e hoje moro num quartinho nos fundos da associação.*

- **Naturalização da condição política com um grupo social:** *Gosto da convivência com as pessoas que frequentam a Associação. Aqui é minha casa, aprendi muito como trabalhar e colaboro com todas as atividades da Associação e ainda estudo. Gosto muito daqui.*

- **Velhice:** *“Velho e pouca saúde, eu fiquei sem ter onde morar e hoje moro num quartinho nos fundos da associação”.* Não há como negar que não é o que se espera ouvir, pois há uma Constituição e um estatuto do idoso que deveria proteger a pessoa idosa. Mas apesar disso, atualmente, vive-se uma degradação de valores humanos e o envelhecimento tornou-se um fator de constrangimentos aos idosos que se encontram, muitas vezes, segregados e abandonados, submetendo a um refúgio até desumano.

Vale ainda destacar que de acordo com os estudos de identidade realizados por Silva (2009), nas teorias críticas e pós-críticas da educação, o que mais interessa na questão de educação escolar é o porquê de se privilegiar determinado conhecimento, determinado tipo de identidade e não outro, haja vista que o mais importante são as relações que se estabelecem entre saber, identidade e poder. Enfatiza também que a escola produz os sujeitos para os quais ensina.

No projeto do Varjão, os idosos desenvolvem vários tipos de atividades que podem ajudá-los a ampliar a renda familiar. No entanto, são trabalhos, artesanais, hortas domiciliares entre outros, de pouco rendimento econômico que pouco fortalecem suas identidades, sob o ponto de vista da pesquisadora, embora tenha percebido que as pessoas idosas que ali frequentam se contentam com o que lhes é oferecido.

Nas narrativas de cada participante idoso nos *focus groups* viam-se que memórias são como elementos fundamentais no processo de construção de identidades, tanto na exigência dos processos de socialização, quanto nas lembranças porque elas apresentam “questões de consciência de um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida”, conforme Bosi (2004, p. 49).

Para Bosi (2004), as memórias-lembranças são, para as pessoas idosas, as mais significativas, pois representam as substâncias de suas próprias vidas no presente. Como pode ser observado em quase todas as participações: “*Quando fiquei viúva, me vi obrigada a vir para Brasília para morar perto de uma filha*”. “*Eu morava na roça*”, “*Não havia escola perto da minha casa*”. “*Precisava ajudar a cuidar dos irmãos*”. “*Casei cedo e tinha de trabalhar para sustentar a família*”.

São situações importantes e recorrentes nas discussões como lembranças que marcaram suas vidas. Dessa forma, as identidades são marcadas, invariavelmente, pelo passado, ora com saudosismo, ora com pesar de não ter tido oportunidade, evocam os papéis sociais outrora desempenhados, no mundo do trabalho rural, doméstico, no mundo social e na esfera familiar.

Após este estudo, espera-se oportunidade de se refletir com mais cuidado sobre a questão do modo de vida dos idosos, uma vez que, percebe-se que, quase sempre, a condição da pessoa idosa, quando mencionada, nos grupos sociais, costuma funcionar como uma máscara indesejada, que oculta as verdadeiras identidades e o sentimento de cada um. Muitos são até mesmo esquecidos do que foram no passado.

A imagem de uma pessoa idosa, infelizmente ainda é carregada de estigmas na sociedade atual. É possível observar que, apesar de a sociabilidade dessas pessoas em uma associação por intermédio de uma política social, as suas identidades muitas vezes são comprometidas ou fragilizadas pelo deslocamento necessário de sua terra natal, ou mesmo por perda dos familiares e distanciamento dos pessoais, pois estes permanecem como sendo os principais referenciais de suas vidas.

As identidades das pessoas idosas carregam assim, um misto saudoso de traços e de referentes que partem de recordações suas, vividas e contadas do que lhes foi ou é significativo. Gostam de fazer comparação entre o que existiu e o que existe. Assim como tomam a consciência de que esta é uma identificação parcial consigo próprio e com o próprio território, sabem que hoje são o resultado da permanência de vínculos e de traços identitários que emergem do passado.

É possível perceber, dessa forma, que cada uma dessas pessoas transporta suas identificações para a vivência do presente, imbuídas de crenças em suas identidades, até dos costumes que não mais fazem parte de suas vidas, conforme a fala de Julia: *“Eu queria ser diferente, deixar de ser empregada. Hoje, leio livro até no ônibus quando vou trabalhar e sei escrever recados para meus filhos”*.

5 DISCUSSÃO

O objetivo inicial da pesquisa intitulada *A Volta de Idosos Analfabetos aos Bancos Escolares* foi apresentar uma experiência pessoal no projeto social de alfabetização da cidade de Varjão - DF. A motivação partiu de uma atividade de voluntariado e evoluiu até à realização deste estudo acadêmico.

Reitera-se que a cidade de Varjão foi construída atrás do nobre Lago Norte, bairro ilustre de Brasília, tornando-se clara a percepção de que, nesse espaço geográfico, realmente há uma barreira entre dois mundos, os quais situam-se tão perto e, ao mesmo tempo, muito distantes um do outro. Assim, o lugar histórico de realização da pesquisa, conforme já caracterizado no tópico sobre contexto social, centra-se numa “cidade satélite” de Brasília, nome dado às cidades que se formaram nos arredores da capital do país.

A pesquisa mostrou, portanto, o quanto a população de idosos do Varjão viveu, desde o início da cidade, de modo participativo e solidário. De acordo com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal, o início da ocupação da Vila Varjão ocorreu em meados de 1960 com a divisão, feita por um ocupante, de uma chácara em terras do Governo do Distrito Federal entre seus empregados que ali prestavam serviços.

Posteriormente, as parcelas de terras foram loteadas e divididas entre parentes e amigos, resultando em um aglomerado de barracos construídos com materiais simples, descartados de obras do bairro vizinho. Assim, surgiram pequenas chácaras nas margens do Ribeirão do Torto, voltadas para o cultivo de hortas como agricultura de subsistência.

Com a pesquisa, evidenciou-se também o quanto a experiência cidadã foi exitosa quanto à política de urbanização da Vila Varjão, pois o projeto da cidade foi selecionado em 2020 como modelo para participar do Programa Habitar Brasil.

A Vila Varjão destacou-se pelo enfoque na promoção das intervenções em assentamentos irregulares, chamados até mesmo de favelas. Porém, neste caso, a regularização foi feita com a mobilização e participação da comunidade, de modo pacífico, visando o bem-estar das pessoas e os cuidados com o ambiente.¹⁶

Acredita-se que essa mobilização da comunidade tenha sido motivadora também para a criação da Associação dos Idosos do Varjão, fundada em 24/10/2005. Uma Associação com atividades dirigidas aos idosos da comunidade do Varjão, localizada em uma de suas chácaras com a missão essencial de proporcionar bem-estar às pessoas idosas associadas.

O lugar é uma pequena chácara, cercado por mangueiras. E hoje, povoado por uma gente que caminhou tanto, pelejou tanto, que até os poucos sonhos foram adiados. E agora, depois da peleja, quer pelo menos escrever, literalmente, o que ainda puder ser escrito. Um grupo social desejoso de leitura, de ler tudo que olhos agora opacos, mas que carregam ainda a vontade de enxergar mais. Isso se chama luz, pois essas pessoas foram ali integrar-se à Associação atrás dessa luz chamada letramento.

Quando motivados a falarem sobre a importância da aprendizagem, os participantes dos grupos focais contaram suas histórias, revelando que a sala de estudo se tornou o degrau para a saída da marginalidade, do isolamento ou da exclusão social que viviam antes de conhecerem o projeto de alfabetização.

A maioria expôs que não estudou por falta de oportunidade, vivia em lugares onde não havia escola, tinham de trabalhar desde cedo para ajudar os pais, ou mesmo porque muitos cresceram apenas com a mãe, sem o pai para ajudar a criá-los. Revelaram infâncias muito difíceis, pois tinham carência de comida, roupas, e de oportunidades. De certa forma, a culpabilidade direcionada aos pais quase sempre estava presente nas narrativas.

¹⁶ Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Varjão.pdf>

Algumas mulheres disseram que o estudo fez muita falta, pois, viviam oprimidas na vida adulta, sentindo dificuldades até mesmo para encontrar trabalho, indicando a experiência de como no passado viveram excluídas socialmente. As falas indicam que conhecem muito bem o aviltamento provocado pelas questões do preconceito e como é carregar as mazelas das diferenças sociais.

As teorias da linguagem relacionadas à produção e à recepção de histórias de vida têm demonstrado que os sentidos os sentidos do que ouvimos, lemos, falamos e escrevemos, se constroem a partir de fatores que ultrapassam o componente linguístico presente nas interações verbais. Dentre estes fatores, estão as competências e habilidades de ordem referencial, pragmática e discursiva.

Dessa forma, o sentido não está, portanto, tão somente nas palavras ou no texto, seja ele falado ou escrito. Tampouco existe correspondência estrita entre significante e significado. No caso de os processos de compreensão apresentarem os sinais sonoros, juntando-se às pausas, aos gestos, aos suspiros, aos sorrisos e até às lágrimas como estímulo do fio condutor da mensagem que deseja passar. É verdade que o sentido acaba sendo definido, em última instância, por quem recebe a mensagem e pelas circunstâncias em que se realiza o diálogo.

A discussão buscou construir certo efeito de objetividade na intenção de garantia da imparcialidade. No entanto, percebeu-se que vários recursos utilizados são o uso de 3ª pessoa, como por exemplo “naquele tempo”, “lá”, “ele não deixava”, como se quisesse justificar o atraso, pois essa é a verdade conhecida e aceita, mas com certo distanciamento no tempo e no espaço. Em nenhum momento indica que houve descaso nas políticas que deveriam garantir seus direitos como pessoa humana.

Demonstra concordância e aceitação dos fatos como naturalizados. Já pensando no oposto, cria o efeito de proximidade com um discurso igual ao utilizado nas autobiografias, em que traz caráter subjetivo com o uso da 1ª pessoa, o tempo do “agora minha vida mudou” e o espaço do “aqui eu sinto feliz e mais segura”. São formas de anunciar as mudanças e possibilidades de se construir uma nova identidade.

Observou-se como categorização de análise alguns aspectos mais significativos para as narrativas que traziam justificativas ou desculpas de não terem estudado em tempo regular, contadas pelas pessoas idosas participantes:

Tabela 1: Categorias de análises

Categorias/ aspectos	Excerto	Análise
Identidade/identificação	<p><i>“eu dependia de minha filha”</i></p> <p><i>“cega de um olho por causa da diabete, tive três AVCs, com sequelas graves...”</i></p> <p><i>“eu não tive oportunidade...”</i></p>	<p>Foi possível identificar como ocorreu a formação desse grupo social, quais foram os processos históricos que deram bases para essa condição de pessoas idosas e analfabetas. Daí a importância da construção de uma consciência crítica da realidade, levando ao projeto social de alfabetização estímulos para se tornarem sujeitos políticos interessados, bem como interpretar a história de cada como um lugar de contradições.</p>
Deslocamento	<p><i>“Eu morava na roça mudei para tentar uma vida melhor...”</i></p>	<p>O deslocamento de espaço pode, de fato, provocar incertezas e demora para ajustes de comportamentos.</p>
Culpabilidade à família	<p><i>“Tive de ajudar a cuidar dos irmãos”.</i></p> <p><i>“Casei-me tive de trabalhar para cuidar da família.”.</i></p>	<p>Revela ingenuidade, falta de conhecimento, pois atribui culpa à família para não se sentir responsabilizado.</p>

	<i>“Eu engravidei e tive filho ...”</i>	Quando sair da ingenuidade, o sujeito será capaz de interpretar e mudar suas próprias condições de existência.
Antes/hoje	<i>“Eu era...” “Agora eu sou independente...” “Hoje sei usar o celular...” “Agora consigo ler para pegar ônibus ...” “Eu consigo ir ao Banco sozinha...”</i>	Demonstram saber ler e escrever e agora podem conviver melhor com outras pessoas, pois ganharam autonomia para as atividades necessárias na cidade.

Fonte: Tabela criada e organizada pela pesquisadora.

Como pode ser observado na tabela, as identidades foram identificadas reconstruídas, uma vez que, após conhecer as práticas de letramento oferecidas pelo projeto de alfabetização de idosos na Associação do Varjão, os participantes da pesquisa fazem referência ao antes e ao depois, conforme disseram: “eu morava na roça”; “eu dependia de meus filhos”; “eu tinha vergonha”; “agora sou independente”.

A mudança assegurada aos participantes foi bastante significativa sob o ponto de vista pessoal e até mesmo observada pelas pessoas da família e amigos. No entanto, em momento algum, houve qualquer referência ao conhecimento de seus direitos como cidadãos, garantidos pela Constituição Federal.

Daqui concluiu-se a importância da Associação e do projeto de alfabetização no qual estão inseridos. A superação da condição dessas pessoas idosas pressupõe a construção de novos modos de pensar, uma nova concepção de mundo capaz de enfrentar, criticamente, o senso comum que permeia as sociedades excluídas em várias regiões do país. Sabe-se que carregam medos, vergonhas e a tradição rural do ambiente no qual viveram por muito tempo, um lugar onde a concepção de mundo ficou por longo tempo restrita apenas ao círculo familiar.

A Associação tem buscado parcerias com a Universidade Católica de Brasília, para que estudantes de Pedagogia façam estágios e cumpram carga horária de estudos junto à Associação, atuando no projeto de alfabetização de idosos. Também conta com parceria do Rotary Club Internacional, que proporciona cursos profissionalizantes variados como de cozinheiro, artesanato, cuidador de idosos, tricô, crochê, tapetes.

As atividades ocorrem três vezes por semana, na Associação do Varjão e, voluntariamente, os professores estão ali para dizer àquelas mulheres que são capazes e não importa o que tenham passado, ainda há tempo para construir outra história. Os homens, sempre em minoria, até se matriculam nas aulas de alfabetização, mas depois de um mês, ou até menos, eles costumam desistir porque sentem vergonha de alguém saber que eles não sabem ler. Informou-se na secretaria que, nos últimos três anos, 100 mulheres e 18 homens passaram pela Associação.

Algumas pessoas do grupo trabalham com atividade aprendida na própria Associação como fazer tapetes, flores, bordados, tricô, crochê, biscoitos para venderem. São atividades que servem para tirarem as pessoas idosas da solidão, além de ajudá-las com uma renda extra. Com isso podem ter uma vida mais digna, usando o dinheiro para comprar produtos para casa, obter uma alimentação melhor, e proporcionar o que chamam de “pequenos luxos” como uma roupa nova, artigos de higiene e beleza para sentirem-se bonitas. Enfim, contam que, por meio da alfabetização, encontraram independência e liberdade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa e análise realizada, constatou-se que o Ensino de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) se constitui como uma modalidade de ensino de caráter político e social, capaz de alargar-se em vantagens sobre a educação regular, uma vez que responde às exigências da sociedade atual, bem como às necessidades das pessoas de mais idade que não tiveram oportunidade de estudar quando eram mais jovens.

Concluiu-se, dessa forma, que a proposta de ensino desenvolvida com pessoas idosas, por meio do projeto social da cidade de Varjão - DF, consiste em uma tendência contemporânea que se destaca como alternativa determinante para democratização do ensino no Brasil, no DF, e no Varjão. E porque não dizer que também no mundo, pois é um exemplo a ser seguido por todos os grupos sociais que acreditam no letramento em qualquer local e em qualquer idade.

Evidenciou-se, portanto, que a participação de uma pessoa idosa na sociedade pode ser determinada pelo letramento escolar, por isso a oportunidade de inserir-se em um projeto de alfabetização como esse que nasceu e tornou-se contínuo, na cidade de Varjão - DF, é acreditar que, mesmo sendo considerada uma pessoa idosa, vale a pena voltar aos bancos escolares.

As pessoas que participaram da pesquisa revelaram, com segurança, que as condições de aprendizagem de leitura e de escrita de alguma maneira, como por exemplo, a assinatura do nome, a leitura do endereço, poder viajar sozinha promove a uma condição gratificante para o grupo social.

Após a realização da pesquisa, discussão e análise das conversas nos grupos focais as questões iniciais foram respondidas com clareza. O projeto social de alfabetização da cidade de Varjão - DF consiste em oferecer atividades culturais, de ensino e alfabetização e cursos profissionais que favoreçam os direitos sociais das pessoas idosas. Aprenderam a escrever bilhetes, o endereço, a assinarem o nome, a anotarem o próprio endereço e outros, o número do telefone, a identificar as contas de luz e água, entre outras habilidades. São atividades de rotina que antes eram impossíveis para as pessoas idosas estudantes.

Embora haja discussões sobre a mercantilização do ensino e que interesses tecnológicos sobrepõem aos interesses da educação com qualidade, evidenciou-se que há importante, mas tímida apropriação no desenvolvimento de habilidades técnicas, de crescimento pessoal e profissional dos estudantes idosos.

Com base nas interpretações entende-se que a tomada de consciência das classes sociais subalternas ocorre, sobretudo, no campo ideológico, conforme explica Brandão e Dias (2007). Sendo assim, é necessário que essas classes estejam inseridas em espaços de construção de conhecimento crítico, a fim de que passem a entender que um projeto social é também político, por isso devem expandir o olhar para as questões constitucionais de direitos e de lutas para a igualdade de condições entre os indivíduos.

Para essa condição, entende-se que a função ideológica do projeto não deveria ser restrita à dominação exercida pela classe dominante, ou seja, do poder político e organizacional. No caso das pessoas idosas, elas poderiam participar mais ativamente da elaboração das atividades profissionais oferecidas pelo projeto, reivindicando atenção especialmente aos anseios e às necessidades do próprio grupo.

Isso significa que as pessoas idosas que ali frequentam deveriam dispor de uma educação política e social crítica e transformadora, e assim, elas teriam possibilidade de produzir concepções distintas, além daquelas disseminadas pelos professores e pela coordenação do projeto. No entanto, esse olhar crítico não foi presumível observar, pois nenhum participante contestou a algum tipo de princípio adotado na Associação, nem fez alguma sugestão.

Entende-se que para a construção dessa concepção de participação, é preciso, segundo Brandão (2007), contrapor o modo como é disseminado o trabalho com os idosos. Há de se considerar que, nesse caso, pareceu que mantêm ainda certa condição de alienação. Uma mudança mais imperativa nesse aspecto, deveria instigar o desejo de a expandir os interesses de todo o grupo social, garantindo, além do letramento elementar, a consolidação de maior participação cidadã e o conseqüente fortalecimento de suas identidades.

Evidenciou-se que a participação de uma pessoa idosa na sociedade pode, realmente, ser determinada pelo letramento escolar, uma vez que as participantes da pesquisa afirmaram que, após serem alfabetizadas passaram a ser mais independentes, pois aprenderam a pegar um ônibus, a irem ao banco e fazerem compras com mais

segurança e a fazerem outras atividades que antes não conseguiam e dependiam de outras pessoas.

A pesquisa intitulada *A Volta de Idosos Analfabetos aos Bancos Escolares* atingiu seu objetivo principal. Justifica-se, assim, este argumento conclusivo, pois, além de compreender que as práticas didáticas aplicadas com pessoas idosas pelo projeto da Associação são possíveis, revelou-se viável buscar a aprendizagem, na área de Ensino de Jovens e Adultos Idosos (EJAI), uma vez que o letramento escolar pode fortalecer as identidades pessoais, tirando o grupo social de pessoas idosas analfabetas da invisibilidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANICA A., Sousa. C. (coord.) 2020. **Envelhecimento Ativo e educação**. Faro, Universidade de Algarve.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996. (2ª ed. rev. ampl.).

BARROS, R. (2018a). A ‘**Nova Política de Educação e Formação de Adultos**’ em Portugal: Crítica à Governação Neoliberal do Sector em Contexto de Europeização. *Ensaio – Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, vol. 26, no. 100, 573-594 (<https://doi.org/> Org).

BARROS, R. (2018b). **Estratégias Intergeracionais de Animação Socioeducativa como contributo para um Envelhecimento Ativo**. In Marcelino Lopes (Org.), *A Animação Sociocultural e a Educação Intergeracional - no contexto do envelhecimento no meio rural e urbano: atividades, técnicas, métodos e estratégias para uma vida ativa* (pp. 185-194). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. 2018.

BARROS, R. (2011). *Genealogia dos Conceitos em Educação de Adultos: Da Educação Permanente à Aprendizagem ao Longo da Vida – Um estudo sobre os fundamentos político-pedagógica da prática educacional*. Lisboa: Chiado editora.

BARROS, R. **Reconhecer e Valorizar o Saber Experiencial dos Adultos Idosos: Contributos da Pedagogia-Andragogia Participativa 2020**. Universidade do Algarve. rmbarros@ualg.pt Disponível em: http://geronte.pt/pdf/2020-Envelhecimento_EBook.pdf - Acesso em 20 de janeiro de 2022.

BARROS, R. (2014). **Vida e Obra de Paulo Freire: a Dialética de um Olhar Fundador para uma Educação Problematizadora que Liberta, Transforma e Emancipa**. In Rosanna Barros e Deise Choti (Org.). *Abrindo Caminhos para uma Educação Transformadora - Ensaaios em Educação Social, Filosofia Aplicada e Novas Tecnologias*. (pp. 37-94). Lisboa: Chiado Editora.

BAUMAN, Z. (2003). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: Obras escolhidas: **magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994 - resenha de Luciana Rodrigues, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**- 3a Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. - 2a Edição, Cotias:DF- Ateliê Editorial 2004. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 41 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996a. Seção 1, p. 27834-27841.

BRASIL. **Ministério da Educação**, 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: dez. 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação**, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32636>>Acesso em jul.2020

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE**, 2019. Disponível em: <https://en.unesco.org/> Acesso em: dez. 2019.

BRASIL. **CODEPLAN**- Plano Estratégico 2019-2060 do DF. Disponível em: <https://www.economia.df.gov.br/2019-2060-plano-estrategico-preve-novas-politicas-publicas-para-idosos/> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

BRANDÃO, V. M. A. T. *Labirintos da memória*. Quem sou? São Paulo: Paulus, 2008.

BRANDÃO, V. M. A. T. **Memória Autobiográfica – reflexões**. In B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Ar Curi. (Org.). *Velhice, Envelhecimento e Complex(idade)*. (pp. 155- 182). São Paulo: Vetor. 2007.

BRANDÃO, V. M. A. T. & Mercadante, E. F. **Envelhecimento ou Longevidade?** (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano, 8). São Paulo: Paulus. 2009.

BRANDÃO V. M. A. T. (2009) **Desafios da Formação Interdisciplinar**. *Revista Kairós* 2009.

BRUNER, J. **Atos de significação** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CANÁRIO, Rui. **Educação de Adultos: Um campo e uma problemática**. Lisboa: Educa, 1999.

CAMARANO, A. A. **Características das instituições de longa permanência para idosos** – região Sul/coordenação Geral – Brasília: IPEA; Presidência da República, 2004.

CASTRO Marra, Joyce Vieira de Castro. **A Educação de Jovens e Adultos na Escola Classe Varjão**. Dissertação -Pós-graduação UnB- Brasília-DF, 2017.

Crochík, J. L. O conceito de preconceito e a perspectiva da teoria crítica. In J. L. Crochík (Ed.), **Perspectivas teóricas acerca do preconceito** (pp. 69-101). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. O **planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DOLL, Johannes. **Educação e Envelhecimento - fundamentos e perspectivas**. A Terceira Idade, SESC São Paulo, v. 19, p. 7-26, 2008.

DOLL, Johannes et al. **Educação e Envelhecimento** • Educ. Real. 40 (1) • Jan-Mar 2015.

DUARTE, Jorge Antônio Menna (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FARIA, M.C. (2018). **Florescimento, Bem-estar e Envelhecimento Saudável**. Leal, I., Humboldt, S., Ramos, C., Valente, A., & Ribeiro, J. (Eds.). *12o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Promover e Inovar em Psicologia da Saúde: Actas*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, (pp. 543- 551). ISBN: 978-972-8384-47-8. URI: <http://hdl.handle.net/10400.12/6113>.

FERNÁNDEZ-García, A., GARCÍA-Lamas, J.L. y Pérez-Serrano, G. (2016). **Grado de Satisfacción de los adultos com los Programas Universitários**. *Revista Complutense de educations*, 3(27), 1021-1040. Disponível em: http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento_EBook.pdf

FERRARO Alceu Ravanello, **História inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez; BBHEB, 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookmann, 2009.

FONSECA, A.M., **Uma Abordagem Psicológica da passagem à reforma-Desenvolvimento. Envelhecimento, transição e Adaptação**. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Biomédica de Abel Salazar Universidade do Porto Porto, 2004.

FONSECA, A.M., Paul, C., Martin, I., Amado, J. (2005). **Condição psicossocial de idosos rurais** numa aldeia do interior de Portugal. In C. Paul e A.M. Fonseca (Coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, saúde e prestação de cuidados*, p.97-108. Lisboa: CLIMEPSI Editores.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, M., FREIRE, P. & GUIMARÃES, S. **Pedagogia: Diálogo e Conflito**. São Paulo: Cortez Editora. 1995.

HALL, S. quem precisa de identidade? In Silva, T.T (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

IBGE. “**Projeção da População do Brasil**: população brasileira envelhece em ritmo acelerado.” Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=12
Recuperado em 20 de maio de 2022.

IBGE. **Cuidando de idosos**. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais> - Acesso em 28 de maio de 2022.

IBGE- **Crescimento da população idosa n Brasil**.
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Recuperado m 18 de abril de 2022.

IBGE- **Idosos têm a maior proporção de analfabetos**, Como ter acesso aos direitos previdenciários e sociais sem saber ler? Estudo divulgado em junho de 2019 pelo IBGE revela que 18,6% dos idosos no Brasil são analfabetos. Disponível em:

<https://comunicasimples.com.br/2019/07/11/segundo-ibge-escolaridade-aumenta-entre-brasileiros-e-idosos-sao-o-grupo-com-a-maior-proporcao-de-analfabetos/> Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

KACHAR, V. **A Terceira Idade & Informática**: Aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

KACHAR, V. **A Terceira Idade e o Computador**: Interação e Produção no Ambiente Educacional Interdisciplinar. 2001. 206f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2001.

KRUEGER, R., & Casey, M. (2009). **Focus Groups - A Practical Guide for Applied Research** (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Polications. 2009.

KNOWLES, Malcolm S. The modern practice of adult education: from pedagogy to andragogy. Cambridge: Adult Education, (1980, 1997).

LEITÃO, B. J. M.; VERGUEIRO, W. **A utilização do grupo de foco para a Avaliação dos clientes**: ... Informação & Informação, v. 4, n. 2, p. 95-104, 2003.

LIMA, I. T. S; NOGUEIRA, S. S. Q; BURGOS, T. L. **Inclusão do idoso no mundo digital: realidade mossoroense e cenário brasileiro.** CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXI, 2008, Natal. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, p. 1-14, set. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1687-1.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

LORETO, E. S. G. **Inclusão Digital na Terceira Idade.** 2012. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro. 2012.

LOPES, C; ALVES, V. P. **As novas possibilidades de educação nas Universidades Abertas do Brasil (UAB) e da Terceira Idade (UnATI).** In: SASTRE, E. A. (Org.). Encruzilhadas da universidade particular: caminhos e possibilidades. Brasília: Universa, 2006.

MELAMED, L. (1989). *Experiential Learning for Adults*. In Colin J. Titmus (ed.). *Lifelong Education for Adults – An International Handbook* (pp. 193-195). England: Pergamon. 1989.

MERRILL, B. & Barros, R. & Fernandes, P. & Seixas, A. M. (2016). *Editorial, Investigar em Educação* - II Série, Números 5, 7-10. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/issue/view/8/showToc>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC. *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Secad* Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 1º dez. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Secad. *Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI Confinteia)* Brasília: MEC; Goiânia: Funape/UFG, 2009.

MORGAN, D.L. (1997) *Focus Groups as Qualitative Research*. Sage Publications, Thousand Oaks. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781412984287> Recuperado em maio de 2022. 1997.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 12 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOTT, L. C. G. O desafio da Educação na Terceira Idade. In: NACIF, P. G. S. *et al.* (org.). *Confinteia Brasil +6: tema central e oficinas Temáticas*. Brasília: MEC/Secadi, p. 259-267, 2016.

NOVAES, H. M. D. Avaliação de programas, serviços e tecnologias em saúde. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 547-559, 2000.

OMS-Organização Mundial da Saúde (OMS) *Resumo. Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Organização Mundial da Saúde. (2015).

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. **Relação homem/natureza no modo de produção capitalista**, 2002. Disponível em: <http://docplayer.com.br/Relação-homem-natureza-no-modo-de-producao-capitalista.html>. Acesso em: 25 mar. 2020.

PINTO, José M. de R. et al. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. *R. Bras. Est. Pedag.*, v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

SILVA, I. R.; GÜNTHER, I. A. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.16, n.1, p. 31-40, jan./abr. 2000.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STEWART, D. W.; SHAMDASANI, P. Focus group research: exploration and discovery. Newbury Park: Sage, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269796938_Focus_group_methodology Recuperado em 6 de junho de 2022.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ZIMERMAN, G.I. **Velhice Aspectos Biopsicossociais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.